



STVDIA LUSITANA

4

Ciudad y foro en Lusitania Romana ***Cidade e foro na Lusitânia Romana***

T. Nogales Basarrate (Ed.)



Ciudad y foro en Lusitania Romana
Cidade e foro na Lusitânia Romana

T. Nogales Basarrate (Ed.)

Studia Lusitana

1. M.P. REIS

Las termas y balnea romanos de Lusitania
Mérida, 2004

2. L.J. RODRIGUES GONÇALVES

Escultura romana em Portugal. Uma arte do quotidiano
Mérida, 2007

3. F. TEICHNER

Entre tierra y mar / Zwischen Land und Meer
Mérida, 2008

4. T. NOGALES BASARRATE (ED.)

Ciudad y foro en Lusitania Romana / Cidade e foro na Lusitânia Romana
Mérida, 2009

5. J. DE ALARCÃO; P.C. CARVALHO; A. GONÇALVES (COORD.)

Castelo da Lousa. Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002
Mérida, 2010

6. V. GIL MANTAS

Vías romanas de Lusitania
(en preparación)

7. A. DE MAN

Defesas Urbanas Tardias da Lusitânia
(en preparación)

Ficha técnica

Coordinación: María José Pérez del Castillo y Eugenia López González

Diseño: Ceferino López

El texto y las opiniones de este volumen son responsabilidad de los autores.

Esta publicación se intercambia por otras similares de todos los países con el fin de potenciar la Biblioteca del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida.

Para intercambios y suscripciones:

Museo Nacional de Arte Romano
C/ José Ramón Mérida, s/n
06800 Mérida (Badajoz) España
mnar@mcu.es

Pedido de libros:

Asociación Amigos del Museo:
C/ José Ramón Mérida, s/n
06800 Mérida (Badajoz) España
tienda@amigosmuseoromano.org
y a través de: <http://museoarteromano.mcu.es/>

Adquisiciones:

Pórtico Librerías, S.A.
Muñoz Seca, 6
50005 Zaragoza - España
www.porticolibrerias.es

ISBN: 978-84-613-4193-1

Depósito legal: BA-381-2010

Maquetación e Impresión: Artes Gráficas Rejas (Mérida)



JUNTA DE EXTREMADURA
Vicepresidencia Segunda, Consejería de Economía,
Comercio e Innovación
Dirección General de Universidad y Tecnología

Proyecto 3PR05B003

Lusitania romana: investigación para la difusión del pasado cultural del occidente de la Península Ibérica.

Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

Proyecto PRI06B286

Foros Romanos de Extremadura. Análisis y Difusión del Patrimonio Extremeño.

Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

Proyecto PRI09A140

Arte Romano en Extremadura I. Creación de modelos en el occidente hispano.

Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

DIRECCIÓN CIENTÍFICA:

PROF. DR. JORGE ALARCÃO
Catedrático de Arqueología
Universidade de Coimbra

PROF. DRA. TRINIDAD NOGALES BASARRATE
Departamento de Investigación
Museo Nacional de Arte Romano

COMITÉ CIENTÍFICO:

PROF. DR. JOSÉ M^a ÁLVAREZ MARTÍNEZ
Director del Museo Nacional de Arte Romano

DR. JOSÉ LUIS DE LA BARRERA
Conservador del Museo Nacional de Arte Romano

PROF. DR. ENRIQUE CERRILLO
Departamento de Arqueología
Universidade de Extremadura

PROF. DR. JONATHAN EDMONDSON
Departamento de Historia
Universidade de York (Canadá)

PROF. DR. JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
Director del Instituto de Arqueología
Universidade de Coimbra

PROF. DR. CARLOS FABIÃO
Departamento de Arqueología
Universidade de Lisboa

PROF. DR. JEAN-GÉRARD GORGES
C.N.R.S. Universidade de Toulouse II
Ex director-adjunto de la Casa de Velázquez

DR. VIRGILIO HIPÓLITO CORREIA
Director del Museo Monográfico de Conimbriga

PROF. DR. PATRICK LE ROUX
Departamento de Historia
Universidade de París XIII

D. MIGUEL ALBA CALZADO
Director Científico del Consorcio de
la Ciudad Monumental Histórico-
Artística y Arqueológica de Mérida

PROF. DR. MANUEL SALINAS DE FRÍAS
Departamento de Historia Antigua
Universidade de Salamanca

PROF. DR. THOMAS SCHATTNER
Subdirector del Instituto Arqueológico
Alemania de Madrid

PROF. DR. WALTER TRILLMICH
Antiguo Director del Instituto
Arqueológico Alemania de Berlín

Índice

- 9 Apresentação.
- 11 *Laudes Urbium Lusitaniae*.
SANTIAGO LÓPEZ MOREDA
- 27 Algumas observações nas construções do foro de *Ebora Liberalitas Iulia*.
THEODOR HAUSCHILD
- 37 Esculturas do fórum de *Ebora*: programa iconográfico.
LUÍS JORGE GONÇALVES y PANAGIOTIS SARANTOPOULOS
- 47 Os *fora* de Bobadela (Oliveira do Hospital) e da *Civitas Cobelcorum*
(Figueira de Castelo Rodrigo).
MARIA HELENA SIMÕES FRADE
- 69 Caminhando em redor do *forum* de *Aeminium* (Coimbra, Portugal).
PEDRO C. CARVALHO, DINA CUSTÓDIO MATIAS, ANA PAULA RAMOS ALMEIDA,
CARLA ALEGRIA RIBEIRO, FERNANDO PEREIRA DOS SANTOS y RICARDO COSTEIRA
DA SILVA
- 89 O *forum* de Conimbriga e a evolução do centro urbano.
VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA
- 107 *Collippo*: análise dos espaços públicos.
JOÃO PEDRO BERNARDES
- 121 Das Inscrições em Foros de Cidades do Ocidente Lusitano-Romano.
JOSE D' ENCARNAÇÃO
- 127 El foro de *Capara*.
ENRIQUE CERRILLO MARTÍN DE CACERES
- 137 Un posible complejo forense de la *colonia Norbensis Caesarina*.
ENRIQUE CERRILLO MARTÍN DE CACERES y TRINIDAD NOGALES BASARRATE
- 167 *Ammaia* e *Civitas Igaeditanorum*. Dois espaços forenses lusitanos.
VASCO GIL MANTAS

- 189 O recinto Forense de *Pax Iulia* (Beja).
MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES
- 201 Caracterização Geral de Miróbriga.
MARIA FILOMENA BARATA
- 231 Foros de *Augusta Emerita*. Modelos en *Lusitania*.
TRINIDAD NOGALES BASARRATE y JOSÉ MARÍA ÁLVAREZ
- 261 El urbanismo del conjunto provincial de culto imperial y del foro de *Augusta Emerita*.
ROCÍO AYERBE, TERESA BARRIENTOS, PEDRO MATEOS, FÉLIX PALMA y ANTONIO PIZZO
- 273 *Agrippina* y la *Concordia Augusti*. Elementos para la interpretación del “foro provincial” de la *Colonia Augusta Emerita*.
NICOLE RÖRING y WALTER TRILLMICH
- 285 Tanques, fontes e espelhos de água nos *fora* lusitanos.
MARIA PILAR REIS
- 315 Elementos para o estudo dos *fora* das cidades do norte da Lusitânia.
JOÃO L. INÊS VAZ
- 325 O *Forum* de *Seilium/Sellium* (Tomar).
SALETE DA PONTE
- 333 El foro y el templo de *Lancia Oppidana*: nueva interpretación de *Centum Celas* (Belmonte).
AMÍLCAR GUERRA y THOMAS G. SCHATTNER
- 343 Modelos forenses nas cidades da *Lusitania*: balanço e perspectiva.
CARLOS FABIÃO
- 361 Listado de Autores.

Tanques, fontes e espelhos de água nos *fora* lusitanos

Maria Pilar Reis

CEAUCP (Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto)

RESUMO

A existência de tanques e espelhos de água associados a alguns templos lusitanos suscitou o presente estudo, através do qual, se pretende estabelecer uma relação entre estes elementos arquitectónicos e a sua funcionalidade. Comparam-se os exemplos lusitanos conhecidos, assumindo a sua originalidade como resultado, aparente, de um determinado comportamento litúrgico associado ao culto imperial, sem pretender, contudo, deslindar o ritual específico a que se poderia associar a presença continua e estanque de água num templo.

Estes espelhos de água são obras enquadráveis no âmbito da arquitectura da água na sua expressão pública. Integrados no projecto do templo, são componentes activos no arranjo paisagístico e decorativo da área sagrada, desempenhando, certamente, uma funcionalidade específica. Explora-se esta análise enquadrando todos os elementos que compõem a envolvente do templo.

Neste mesmo horizonte da arquitectura da água, construída com recursos públicos ou fruto da munificência privada, enquadram-se as fontes publicas, mais ou menos monumentais, que na trama da cidade antiga desempenharam um papel fundamental na qualidade de vida dos cidadãos, mas que nalguns casos, consubstanciaram o carácter prático com o cultural. Sob este pretexto elencam-se os principais registos de fontes e fontanários das cidades lusitanas, incluindo uma análise tipológica e orgânica das mesmas.

PALAVRAS CHAVE: Espelhos de água; Lusitânia; cidades; culto imperial; *forum*.

RESUMEN

La existencia de estanques y espejos de agua asociados a templos lusitanos inspiró el presente estudio, con el cual se pretende establecer una relación entre estos elementos arquitectónicos y su funcionalidad. Se comparan los ejemplos lusitanos conocidos, encontrando en su originalidad el resultado de una determinada práctica litúrgica asociada al culto imperial, sin con esto pretender revelar el ritual específico al cual se podría asociar la presencia del agua, permanente y estanca, en el recinto templar.

Estos espejos de agua integrados en el proyecto del templo son obras incorporables en el ámbito de la arquitectura del agua, en su expresión pública y al mismo tiempo piezas del lenguaje paisajístico y decorativo del área sacra, asumiendo una funcionalidad específica. Se explora este análisis integrando todos los elementos, que en su momento, envolvieron el templo.

En este mismo horizonte arquitectónico se encuentran las fuentes públicas, mas o menos monumentales, construidas con recursos públicos o fruto del *evergetismo* privado, insertadas en el entramado urbano, donde desempeñaron un papel primordial en la cualidad de vida de los ciudadanos, pero que en algunos ejemplos sintetizaron su carácter práctico y religioso. Bajo este pretexto se enumeran los principales ejemplos de fuentes públicas de las ciudades lusitanas.

PALABRAS CLAVE: Estanques; Lusitania; ciudades; culto imperial; *forum*.

Nas últimas décadas proliferaram as notícias, e respectivos estudos, sobre os *fora* das cidades da Hispânia, tendo-se dado especial atenção à gestão do espaço público feita pelos seus coetâneos e à originalidade das soluções adoptadas. Actualmente é-nos facilitado o trabalho de comparação entre os vários exemplos existentes no império. Esta maior aptidão não se deve às qualidades pessoais do investigador, que sem dúvida também são factor ponderável, mas a um crescente número de publicações que de forma monográfica exploram aprofundadamente este tipo de “equipamento urbano”. Por outro lado não devemos subestimar a contribuição que a arqueologia de salvamento tem significado, nestas últimas décadas, para a junção de um puzzle, frequentemente, de difícil compreensão, mas que transposto para o papel permite reinterpretar dados, ou nalguns casos, descobrir realidades antes apenas intuídas.

Os *fora* foram para as cidades romanas o ponto de encontro primordial. Ali acudia diariamente a população para negociar, comprar, votar, discutir, cumprir os votos, ou assistir às cerimónias oficiais. Era o centro da cidade clássica, assumindo uma imagem arquitectónica específica, adaptada à sua funcionalidade, ou melhor, a todas as funções que desempenhou na vida urbana. São praças fechadas, ou parcialmente fechadas, onde o número e natureza dos edifícios podem variar. Tinham ou não uma cúria, podiam ter ou não uma basílica,

mas teriam sempre, pelo menos, um templo. Nesta perspectiva o *forum* é, acima de tudo, um espaço sagrado.

A sua existência foi basilar para a construção da cidade romana, tão importante que todas as cidades, mesmo as mais pequenas, possuíam um, e por norma adaptado ao número de habitantes do aglomerado, nem muito pequeno, se a ele deviam acorrer multidões, nem muito grande, para não parecer despovoado¹.

Para além dos edifícios que tradicionalmente compunham o *forum*, existe um conjunto de construções cuja singularidade merece uma breve reflexão. Nalguns dos *fora* conhecidos no império assinala-se um número variável de construções hidráulicas: cisternas, fontes, fontanários, tanques ou pias². Existem razões lógicas para explicar a implantação de certo tipo de construção hidráulica num *forum*. Uma cisterna poderá fazer sentido, principalmente se o *forum* estiver no ponto mais alto da cidade, a distribuição será facilitada, para além dos vastos pórticos serem uma excelente oportunidade para recolher grandes quantidades de água pluvial. A construção duma fonte pública será bem compreendida por todos, se pensarmos

¹ Vitruvio, *De Arch.*, V, I, 2.

² Em português podemos fazer a distinção entre tanque (reservatório mais ou menos extenso e feito de pedra ou de metal, para conter água ou outros líquidos) e pia (vaso de pedra para líquidos).

que este seria um dos pontos da cidade mais concorrido e que no seu interior se desenvolviam feiras, mercados e outras actividades. Também seria necessária água, quando se desenvolviam os rituais religiosos, maioritariamente ligados ao sacrifício de animais. Mas serão todas estas estruturas simplesmente fontes e sistema de armazenamento de água? Será correcto utilizar a mesma nomenclatura para uma simples fonte de pia situada numa rua a Oeste do *forum* que para uma outra no *temenos* do templo? Serão estas fontes sagradas e consequentemente autorizamo-nos a utilização do conceito de ninfeu³, ou ninfeus são apenas as fontes monumentais? As fontes escritas são de um mutismo total relativamente à nomenclatura específica para fontanários ou estruturas hidráulicas situadas no interior do *forum*, mas já não o são quanto às distinções terminológicas existentes entre as numerosas tipologias de fontes e fontanários.

Julgo que é por todos nós aceite que a utilização de nomenclatura latina na designação de elementos, ou componentes arquitectónicos, representa, quase sempre, algum alvoroço entre os diversos investigadores, sendo impraticável em questões de pormenor atingir um consenso que permita a utilização universal de um determinado termo. Aliás, e talvez seja esta a face mais apelativa da questão, chama sempre à liça arqueólogos, arquitectos e filólogos, sendo que estes últimos pela natureza da sua investigação serão, na maioria dos casos, os que de forma mais argumentada podem responder às questões⁴.

Estabeleçamos então alguns conceitos base: fontes, fontanários e ninfeus são todos fontes

artificiais para abastecimento, público ou privado, de água. Serão as suas características arquitectónicas e estruturais que ditarão o seu agrupamento nesta ou naquela classe. Todavia é a sua designação em latim, ou melhor, a fórmula utilizada pelos diversos autores ao longo do império para descrever uma determinada fonte, que nos pode ajudar a estabelecer uma necessária clivagem entre as diferentes designações. Esta descrição exige, como primeiro passo, enunciar a sua natureza, ou seja, definir o seu carácter público ou privado, e os diferentes níveis que entre ambas as categorias podem existir, ignorando, num primeiro momento, o seu carácter sagrado ou meramente utilitário e novamente todas as nuances que podemos encontrar entre ambas as classificações. Nestas linhas apenas nos irão interessar aquelas fontes que se localizavam no interior do *forum*, ou seja, as de carácter público. E mesmo que o seu mecenas seja um cidadão singular, este tipo de fonte será sempre de cariz público.

Mas como distinguir entre um ninfeu e uma fonte monumental se ambas são públicas, e ambas de grande monumentalidade arquitectónica?

Uma das primeiras referências à palavra em latim *nymphaeum* aparece na *Chorographia* de Pomponius Mela, quando a propósito de uma cidade do Chersoneso Taurico (Crimeia) o geógrafo refere uma gruta consagrada às ninfas⁵. Durante todo o séc. I d.C. a palavra *nymphaeum* será utilizada como sinónimo de gruta, ou santuário dedicado às ninfas.⁶

³ Ao longo do texto optei pela palavra portuguesa ninfeu e não pela latina *nymphaeum*.

⁴ Para o estudo e classificação dos ninfeus, existe uma longa lista bibliográfica. Normam Neuerburg (Neuerburg, 1965) inventariou e propôs a primeira classificação organizada dos ninfeus e fontes da Itália antiga, alguns anos mais tarde um artigo de René Ginouvés (Ginouvés, 1969) sobre o ninfeu de Laodicée de Likos, representou uma primeira sistematização dos ninfeus existentes fora de Itália. Já na década de setenta, Pierre Aupert (Aupert, 1974), estudará e publicará o ninfeu de Tipasa, na actual Argélia, completando o estudo com um inventário dos ninfeus norte africanos e de um outro tipo de fonte monumental, o *septonium*. Durante os anos noventa e numa fase onde assistimos a uma verdadeira

explosão de estudos sobre a água e a arquitectura com ela relacionada Wolfram Letzner publica o estudo sobre as fontes e ninfeus, obra actualmente fundamental para o estudo deste tipo de construção (Letzner, 1990). Pierre Gros dedicará aos ninfeus um interessante capítulo do seu *L'Architecture*. Recentemente foi publicado o trabalho de Francesco Tomasello (Tomasello, 2005) sobre os ninfeus e fontes de Leptis Magna.

⁵ Mela, *Chorographia*, II, 3; "*Oppidum adiacet Cherrone(sus), a Diana, si creditur, conditum, et nymphaeo specu quod in arce eius nymphis sacrum est maxime inlustre*" in www.thelatinlibrary.com. Erroneamente Salvatore Settis refere-se a esta obra como pertencente à primeira metade do séc. I a.C. (Settis, 1974: p. 704). Como é sabido o famoso geógrafo hispânico viveu na primeira metade do séc. I d.C. Não deixa porém de ser uma das primeiras utilizações adjectivais da palavra *nymphaeum*.

⁶ Para o culto às ninfas na Lusitânia ver Luís da Silva Fernandes (Fernandes, 2002). Baños de Montemayor, em Cáceres é o santuário dedicado às ninfas mais importante da Lusitânia, com 18 monumentos epigráficos conhecidos, ver Díez Velasco, 2002; *idem*, 1998.

Após esta data a construção de ninfeus no interior dos núcleos urbanos será cada vez mais comum. A sua monumentalidade e complexidade arquitectónica levará a que este tipo de monumento se desprendia, cada vez mais, do conceito inicial de ninfeu como espaço dedicado às ninfas. Aliás o facto de alguns ninfeus assumirem o nome de outras divindades traduz a transposição do conceito inicial. Para além dos ninfeus a epigrafia permitiu também identificar outro tipo de monumento como o *septizodium*⁷ com o qual se cotejam os ninfeus do tipo *scenae frons*, construções porventura relacionadas com representações teatrais aquáticas do tipo *tetimim*⁸, estruturas que atingiram grande beleza nas províncias norte-africanas e da Ásia Menor. O ninfeu será na cidade romana um monumento comum, como aliás traduzem algumas das referências recolhidas sobre a cidade de Roma na *Notitia*, nos *Cataloghi Regionari* ou na *Chronica Urbis Romae* que documentam este tipo de monumentos até o séc. IV e V, sendo uma menção já bem tardia os dois ninfeus em Roma recolhidos no *Itinerarium Einsiedlense*, pertencente ao séc. IX⁹.

Os ninfeus também apareceram associados com o ponto de partida¹⁰ e de chegada dos aquedutos à cidade romana. Poderemos entender esta prática como fórmula para manter a sacralidade da água proveniente das entranhas da terra, que custodiada pelas ninfas se aproxima às habitações dos homens. Neste ponto afigura-se importante assumir que nem todas as fontes urbanas terão sido consagradas às ninfas. Porém, não surpreende, que a sacralização das mesmas tenha sido uma prática comum, bem aproveitada pelos mecenas locais como propaganda, mas também como fórmula de apaziguar a desconfiança que a

complexidade de algumas obras hidráulicas terá causado nos seus coetâneos¹¹, e nesse sentido, comum em ambientes onde a novidade só poderia ter sido vista com bastante desconfiança popular, como suponho em cidades *ex-nihilo* de províncias como a Lusitânia, onde pouco sabemos dos sentimentos da população local que de forma forçadamente pacífica se instalava nas “novas” cidades.

A prova de que todas as fontes urbanas não são ninfeus e que existiu uma nomenclatura específica é-nos dada por alguns autores entre os quais cabe destacar o *curator aquarum*, *Iulius Sextus Frontinus*¹² autor que não refere, em momento algum, a palavra *nymphaeum*.

Frontinus menciona a existência de *muneribus*, denominação que o próprio glosou, como fontes ornamentais, dignas de uma especial atenção e para as quais era desviada uma quantidade de água quatro vezes superior à necessária para abastecer os *lacus*. Este tipo de fontes serviam também como pequenos reservatórios de água quando associados a um *castellum aquae*¹³. A utilização desta terminologia pode também estar relacionada com a denominação específica de cada *lacus*, associada na maioria dos casos, à divindade representada no contexto decorativo da fonte. Não nos deve espantar a utilização do vocábulo *munus*, aliás, é possível que surja associado a um conceito de construção doada ao povo. Mas *munus* também poderá ser uma construção de grandes dimensões, talvez o que na gíria hidráulica de então designava

⁷ Definição de *Septizodium* com referências bibliográficas em Aupert, 1974; a questão também é abordada em Settis, 1974.

⁸ Espectáculo relacionado com concursos de coreografias aquáticas.

⁹ Para aprofundar estas referências consultar Settis, 1974, principalmente a pág. 728 e respectivas notas.

¹⁰ Por exemplo em Conimbriga, o *caput aquae* que alimentou o único aqueduto conhecido da cidade foi monumentalizado com um vasto ninfeu.

¹¹ Samsan Sontag no seu romance *América* narra como as tropas bolcheviques roubavam as torneiras dos palácios na ingénua expectativa de através delas se aceder à água corrente em qualquer ponto onde se colocassem. A tecnologia hidráulica do séc I d.C. terá certamente maravilhado as populações locais. A construção de aquedutos complexos, com troços subterrâneos, e de um *castellum aquae* com canalizações em chumbo, torneiras, e chaves que permitiam o controlo do percurso e pressão da água terá sido, para muitos, acto de magia.

¹² Obteve a responsabilidade da *cura aquarum*, a mais prestigiosa curadoria imperial, provavelmente em 97, no reinado de Nerva. A obra *De Aquae Ductu Urbis Romae* foi escrita por Frontinus como um “journal de sa gestion” como diz Pierre Grimal na sua tradução comentada da obra, editada em 1944; com uma opinião bem diferente ver Delaine, 1996: 117 – 145.

¹³ *De Aquae*, 117, 3; Frontinus, *De aquae...*, (tradução de F. De Chicca, 2004) principalmente a pág. 134 – 135.

ninfeu. Compreendemos através das palavras de Frontinus que *lacus* representava, também, uma fonte, mas com uma arquitectura mais simples. Talvez apenas composta por uma pia rectangular com uma só bica, como as que em Conimbriga se situam nas ruas que abraçam o *forum*.

Uma outra designação relacionada com fontes de água é referida por Frontinus. O termo

*publicorum salientium*¹⁴ refere-se por um lado ao *salientis*¹⁵ interpretado como repuxo, saída de água, bica de fonte, e num acto de sinédoque, uma fonte de natureza mais simples que a designada por *lacus*¹⁶. No Quadro 1 estão sintetizadas as várias designações em latim para as múltiplas tipologias de fontes indicando algumas das fontes literárias onde se pode encontrar a palavra.

Quadro 1

Latim	Fontes Clássicas	Designação em português
<i>uena (aquae)</i>	Frontino: 5,2; 10,3; 68,2.	Lençol freático, veio de água subterrâneo.
<i>fons</i>		Nascente.
<i>euripus</i>		Tradicionalmente significa o canal de água que bordeja a spina de um circo, mas também é utilizado como sinónimo de lacus, principalmente quando se trata de um canal decorativo.
<i>fons putealis</i>	Columela, <i>De re rust.</i> 11, 3.8	Poço alimentado por uma nascente profunda, subterrânea
<i>lacus</i>	Frontino: 3,2; 11,3; 23,1; 71,1; 78,3; 79,2; 80,2; 81,2; 83,2; 84,2; 86,3; 87,5; 88,1; 90,1; 93,2; 94,3; 98,2; 98,3; 118,2; 118,4; 129,4.	Fonte; designação para a fonte de tipologia mais simples situada numa rua; fonte pública, bacia, tanque, depósito, cisterna.
<i>salientes aquae</i>	Frontino: 9,9; 76,2; 10,3; 103,4.	Repuxos, fontes, depósitos.
<i>salientes publici</i>	Frontino: 11,2; 87,5; 104,2; 104,3.	Fontes públicas
<i>munus</i>	Frontino: 3,2; 23,1; 78,3; 79,2; 80,2; 83,2; 84,2; 86,3; 88,1; 98,1; 117,3; 118,2.	Fontes monumentais ou ornamentais
<i>nymphaeum</i>	Pomponius Mela (Chorogr. 3)	Fonte dedicada às ninfas que pode assumir numerosas formas e dimensões; existem na esfera privada e pública tipologias: ninfeu de gruta; ~basilical; teatro de água, ~a <i>frons sccaenae</i> ; em êxedra; ~rectilíneo; ~em abside; <i>septizodium</i> .
<i>puteus</i>	Frontino: 4,2; 129,1	Poço; poço de limpeza de um aqueduto.

¹⁴ *De Aquae*, 104,3.

¹⁵ Del Chicca, 2004: p. 212; Del Chicca, 1997: p. 240 – 242.

¹⁶ Wolfram Letzner assume uma interpretação diferente das palavras de Frontinus. Para ele *salientes* são fontes ornamentais em oposição a *lacus*,

sinónimo de fonte simples (Letzner, 1990: p. 75 – 78; Del Chicca, 2004: p. 428). Esta diferenciação não assenta na natureza da fonte, ou seja, se ela é para utilização privada ou pública.

Fontes, Ninfeus e Culto Imperial

Desde o inovador trabalho de Robert Étienne que a investigação vem gradualmente a dirigir a sua atenção para a importância do culto imperial na política de aculturação provincial da Hispânia. Os novos dados trazidos pelo elevado número de escavações em curso nos centros urbanos peninsulares, a par da reapreciação e análise de monumentos já escavados, permitem, a todos nós, encarar desde uma nova perspectiva mais verossímil os porquês de determinadas opções, o *leit-motiv* por trás de um projecto concreto, nesse conturbado momento de paz politicamente imposta. Concentro-me, nestas breves linhas, num pequeno pormenor que caracterizou, como veremos de forma mais comum do que inicialmente julgáramos, os espaços dedicados ao culto imperial. A água, elemento vital na vida urbana, participa, também, no espaço sagrado da urbe. Pertence ao *temenos* do templo, situa-se junto ou dentro do pórtico que envolve a praça, ladeia a entrada ao *forum*, ela, a água, existe e localiza-se no interior do recinto do *forum* por uma razão específica relacionada com a liturgia do culto imperial.

O exemplo lusitano mais conhecido, pela surpresa que causou, é o do templo na antiga **Ebora Liberalitas Iulia**. No ponto mais elevado da colina sobre a qual se implantou a cidade romana, construiu-se o *forum* da cidade. Actualmente é difícil compreender qual seria a configuração do primeiro templo, ou como se estruturava a sua envolvente, todavia é a este primeiro período que deve remontar a construção e utilização de uma cisterna, situada no ângulo Noroeste do *temenos* do templo. A sua identificação, durante as escavações dirigidas pelo Prof. Hauschild, permitiu reconhecer uma fase deste *forum* anterior à sua “marmorização”¹⁷. Mas os resultados obtidos nesta intervenção arqueológica (concretamente na sondagem 19) não só identificam esta primeira estrutura de armazenamento de água, como também esclareceram a

sua destruição em meados do séc. I d.C. A supressão da cisterna foi, certamente, uma solução exigida pela construção do pórtico que envolve o *temenos* do templo e de, um mais que provável, cripto-pórtico. (fig. 1)

Seria esta cisterna de época augustana, ou anterior, apenas sacrificada aquando da construção de um aqueduto? Se assim se viesse a confirmar o aqueduto seria de meados do séc. I d.C., data da marmorização da praça. Um dado externo ao *forum* poderia ser um bom indicativo. As primeiras escavações realizadas no interior do edifício termal público, situado por baixo da actual Câmara Municipal, sugerem uma cronologia claudiana¹⁸. O funcionamento deste equipamento público exigia, pela sua dimensão monumental, um elevado caudal de água que apenas um aqueduto podia garantir, pelo menos de forma razoável e contínua. Estaremos assim perante um momento, nos meados do séc. I d.C., em que a cidade é objecto de profundas reformas urbanas, com a construção de novos equipamentos públicos (se aceitarmos que as termas de Évora não têm uma fase anterior) e uma monumentalização dos espaços relacionados com o poder. Talvez um momento no qual se cancelam as marcas de um urbanismo anterior como resultado de uma *deductio*, como talvez tenha acontecido em Beja.

Apesar desta fase urbana se encontrar num plano hipotético, é inegável que em meados do séc. I d.C. o *forum* e o templo serão objecto de uma obra de requalificação¹⁹. Num primeiro momento é construído um tanque que envolve três dos lados do *podium* do templo. O tanque, em π , tem 1 metro de profundidade. A sua largura é, nos laterais do templo, de 5 m, estreitando nas traseiras para 4m. A dimensão do tanque sugere a existência de um sistema de abastecimento, que não o estritamente pluvial. As reentrâncias situadas no topo dos braços do tanque poderão ter servido como ponto de assentamento de um elemento

¹⁷ Hauschild, 2001: p. 84.

¹⁸ Correia, 1987/88: p. 312-317; Reis, 2004.

¹⁹ Hauschild, 2001: p. 81.

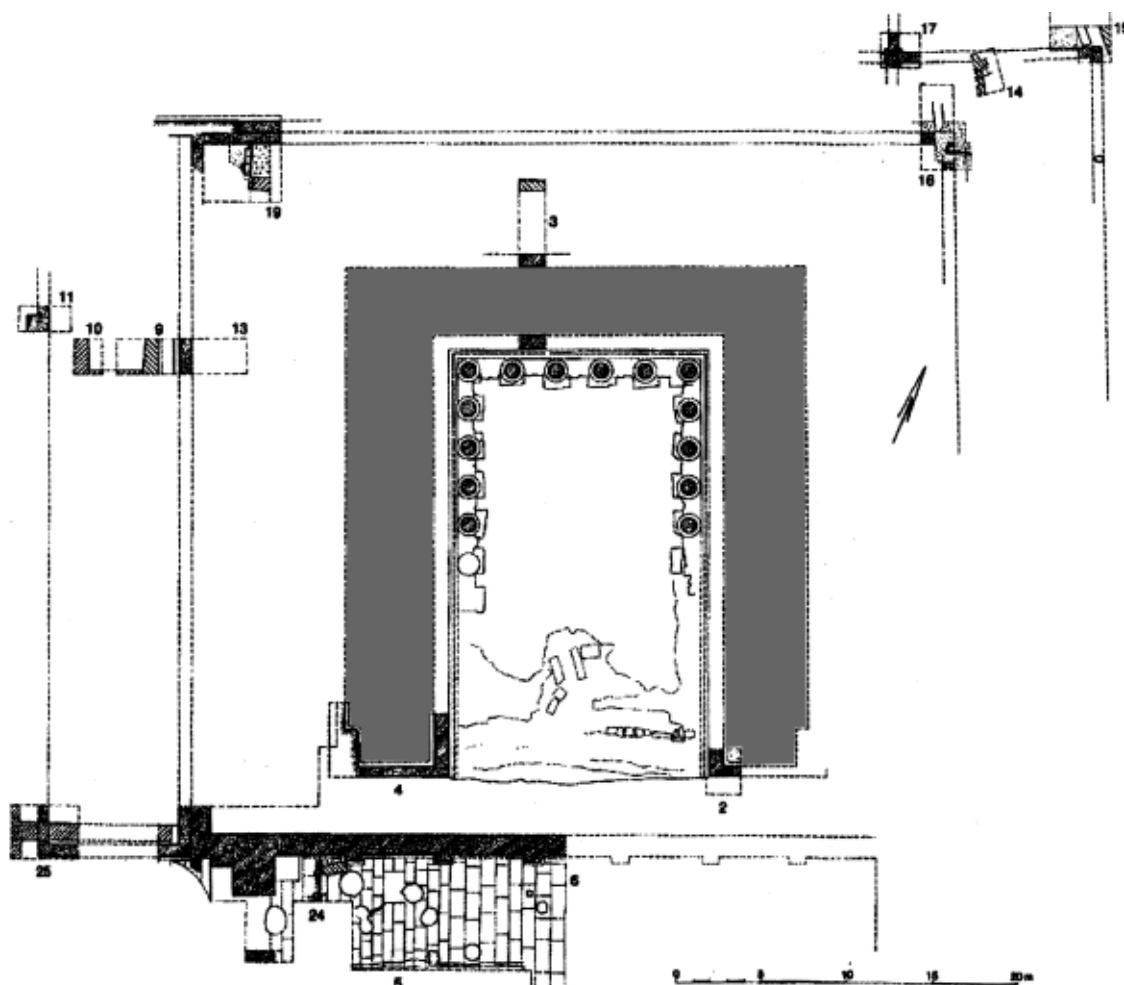


Fig. 1. Templo de Évora (in Hauschild, 2001).

decorativo de onde brotava um repuxo que alimentava o tanque, como aconteceu no exemplo itálico de Luni, mas do sistema de abastecimento do exemplo eborense nada se conservou.

Este espelho de água envolve um templo periptero com pódio, que conserva ainda catorze das suas colunas. As bases e capiteis das colunas foram trabalhadas em mármore, enquanto os fustes, arquivoltas e frisos são de granito sobre os quais se trabalharia a decoração final em estuque, imitando o mármore dos capiteis²⁰. Foi também o professor Teodor Hauschild a identificar um elemento determinante para compreender como, nesta segunda fase, se acedia à *cella* do templo. Um muro, situado a 3,5 m a sul do templo, corria para-

lelo a este, externamente estava decorado com pilastras, por sua vez revestidas com placas de mármore. A sua funcionalidade foi interpretada como limite do templo e suporte da escadaria lateral de acesso à *cella*, integrando o tanque em π como limite norte da escadaria, opções arquitectónicas que comprovam a originalidade deste templo eborense.²¹

Foi também identificado um pórtico em π que bordejava os três lados do templo, deixando a fachada livre. O limite deste pórtico situa-se a 15 metros do limite do templo (incluindo o tanque de água) e a sua largura é de 7,5 m indiciando, com alguma clareza, a relação proporcional entre os vários elementos. Provavelmente o lado Norte deste

²⁰ Hauschild, 1991.

²¹ Hauschild, 1994a: p. 197, Hauschild, 1994b: p. 318.

pórtico assentaria sobre um criptopórtico, parcialmente identificado nas escavações. A cronologia deste templo é baseada na caracterização estilística dos capiteis marmóreos que o compõem e que aponta para meados do séc. I d.C. Os dados fornecidos pelas escavações vieram apurar esta cronologia. A este segundo momento deverá também pertencer a esplanada a sul do templo, lajeada com grandes placas de mármore das quais se conservaram apenas os negativos no *calzetrustro*, e que se estende até às fundações do Museu Municipal, conservando inclusive os negativos do que poderá ser uma base de estátua. As intervenções arqueológicas mais recentes, que decorreram no interior do Museu, apontam para a existência de um grande edifício situado neste lado menor do *forum*, interpretado, pese à ausência de uma planta, como uma possível basílica.

O tanque eborense é semelhante ao existente junto ao *podium* do capitólio de Luni, como desde um primeiro momento afixou Teodor Hauschild, mas também é semelhante aos tanques que percorrem o limite entre o *temenos* e o pórtico do *forum* de Ampúrias, dois dos quais são de cronologia augustana, ou seja, anteriores ao exemplo eborense. De recordar que no acaso de Luni o tanque está datado de época augusto-tiberiana.

Mas qual a função do *lacus* de Ebora? Já vários autores referiram a ligação entre a água na envolvente dos templos e os rituais associados ao culto imperial²².

O conhecimento directo deste culto é, actualmente, bastante desigual²³. É consensual que em todos os templos provinciais os rituais eram realizados num altar exterior. Localizado em frente do templo deveria permitir ao oficiante visualizar directamente a estátua situada no interior da *cella*²⁴. O desenrolar do ritual poderia incluir uma procissão, que após o sacrifício do animal, se encaminhava

para o teatro, ou anfiteatro, onde teriam lugar os jogos em honra do imperador. Tratava-se acima de tudo de um acto público que deveria ser presenciado pela população. O desenrolar do ritual, com a distribuição de vinho e incenso, exigia uma cenografia arquitectónica que emoldurasse todo o desenrolar da cena²⁵. Talvez em *Ebora*, a existência de um teatro, ou anfiteatro²⁶, apenas intuído na planta da actual Évora, esteja relacionado com o culto imperial, criando um “corredor” entre o templo e o teatro como são exemplos na Hispânia o *forum* de Bilbilis, ou o *forum* provincial de Tarraco e a sua ligação com o circo, com uma representativa proposta de percurso da procissão ritual²⁷, sem esquecer o interessante caso do Teatro de Mérida²⁸.

Um outro exemplo lusitano pode ser recolhido mais a Norte, na *Civitas Igaeditanorum*, actual Idanha-a-Velha. O pequeno *forum* desta civitas foi implantado na colina mais alta do aglomerado. (fig. 2) Para aumentar a visibilidade deste ponto central, foi construída uma plataforma artificial sustentada por muros contrafortados com pilares em pedra rusticada. A esplanada resultante desta alteração da topografia original tem 76,34m x 34,38m (aproximadamente 258 pés por 116 pés). No seu terço oriental implantava-se o templo, uma das construções que formavam este *forum*. Do templo apenas se conservam as fundações, e o que será a base

²² De salientar, também, alguma da *instrumenta sacra*, com especial destaque para o *urceus*, a *patera* e o *lituus*, elementos representados num altar dedicado ao(s) *numen augusti* em Tarraco. Mas o objecto que sem margem para dúvida, formava parte do culto imperial era o *aspergillum*, um borrifador ou aspersório, representado no friso do templo de Tarraco associado com a insígnia do sacerdote imperial. Originalmente feito com um ramo de oliveira ou louro, era um objecto ritual utilizado para as libações, como por exemplo ocorria durante a consagração de um templo, ou mais comumente, antes de um sacrifício, quando o oficiante aspergia com água as suas mãos e corpo. (Fishwick, 2004: p. 256). O *urceus*, uma espécie de jarra de colo alto, era empregue para lavar as mãos. Por outro lado, a *patera* servia para as libações e purificação do altar com vinho, acção que decorria a par das oferendas de incenso, parte integrante do rito de *supplicatio*, como liturgia independente ou preliminar ao sacrifício. Poderia fazer parte do momento em que se deita o vinho entre os cornos da vítima e se espalha a *mola salsa*, o acto preliminar de dedicação conhecido como *immolatio*. A *patera* também poderia ser utilizada para recolher o sangue da vítima.

²⁶ Correia, 1992: p. 345-348.

²⁷ Pociña e Remolà, 2000; Fishwick, 2004: p. 271.

²⁸ Para a relação entre teatros e culto imperial ver Gros, 1990.

²² Trinidad Nogales Basarrate e José Maria Álvarez Martínez fazem uma descrição bastante completa dos exemplos hispânicos e de além fronteiras, Álvarez Martínez e Nogales Basarrate, 2003: p. 182 – 186.

²³ Fishwick, 1991, principalmente o capítulo VIII.

²⁴ Fishwick, 2004: p. 236.

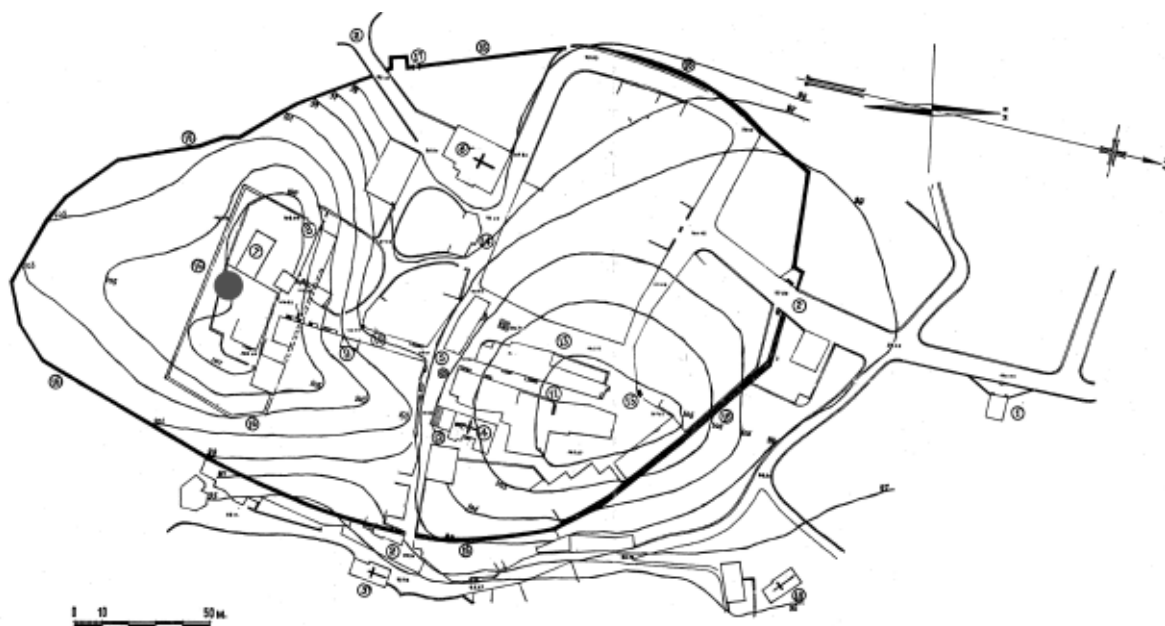


Fig. 2. Planta de Idanha-a-Velha (in Almeida, 1956).

do pórtico que o envolvia por três dos seus lados, não entanto, não se definiu, até ao momento, que tipo de templo seria, talvez tetrástilo. Um dos elementos que de imediato chama a atenção no templo de Idanha é o acesso à *cella*, que, pelo aglomerado que conserva no seu lado Oeste, sugere a existência de escadarias laterais²⁹. Apesar de sobre este edifício pouco ou nada se poder dissertar, já que nunca foi objecto de intervenções arqueológicas sistemáticas, são ainda hoje visíveis à entrada do recinto, parcialmente escondidos por uma construção agrícola, ténues vestígios de um pavimento em *opus signinum*. Vasco Mantas sugeriu que estes vestígios identificados no topo sudeste, na entrada ao recinto foral, pertencessem a um dos prováveis templete que ladearam o acesso ao *forum*³⁰, os quais seriam consagrados a Vénus e a Marte³¹. Para José Cristóvão³², o templo a estas divindades deverá procurar-se noutro ponto da trama urbana. O tipo de estrutura revestida por esta argamassa hidráulica permanece desconhecida, mas poderá

corresponder ao fundo de um tanque (?) situado no recinto forense.

Na recente publicação da epigrafia da *civitas Igaeditanorum*, Ana Sá identifica um pequeno conjunto epigráfico revelador do culto imperial. Uma ara, proveniente da Tapada da Eira³³, é dedicada ao *genius*. Mas é na inscrição em que esta *civitas* homenageia a C. César³⁴ que se recolhe o testemunho de devoção a um elemento da família imperial³⁵. Ana Sá remonta a datação desta inscrição ao ano 3 d.C.³⁶. A autora também sugere a inclusão da inscrição votiva a Vénus Augusta³⁷ no âmbito do culto imperial. Esta inscrição estaria gravada no pedestal de uma estátua, talvez proveniente do *forum* da cidade³⁸. Para além destes elementos sublinhar que Vasco Mantas apela para alguns indícios topográficos e epigráficos sobre a possível

²⁹ Cristóvão, 2005.

³⁰ Mantas, 1998b: p. 380.

³¹ Oferecidos por *Cantius Modestinus* ver Mantas, 2002: 233.

³² Cristóvão, 2005: 195, especialmente nota 17.

³³ Sá, 2007: n.º 6 e.

³⁴ Sá, 2007: n.º 52.

³⁵ Gaius César, filho de Augusto.

³⁶ Sá, 2007: p. 192.

³⁷ Sá, 2007: n.º 37.

³⁸ Uma opinião ligeiramente diferente tem José Cardim Ribeiro (Ribeiro, 2002: n.º 98); para a inscrição sobre o flâmine provincial dada a conhecer por José Delgado Delgado e que implicitamente reconhece a existência de culto imperial ver Delgado, 1999: p.452 e Fishwick, 2005: p. 226.

existência de um teatro, ou anfiteatro, nas imediações do *forum*, o que poderia ser mais um indício de estarmos perante um templo dedicado ao culto imperial.

Mais próxima da costa Atlântica a cidade de **Conimbriga** conserva importantes vestígios do culto imperial lusitano. O primeiro *forum* da cidade é construído em época de Augusto, professando um esquema tradicional, isto é, assumindo o triplo papel de centro religioso, político e comercial. O primeiro templo é dedicado ao culto imperial, sendo a basílica e a cúria um pouco mais tardias, talvez da época de Cláudio. Em época flávia o centro do *oppidum* vai ser objecto de uma profunda reforma, fazendo tábua rasa do que outrora existia. O renovado *forum* define-se na cidade como um novo quarteirão. Três ruas novas vão delinear o exterior do recinto e a praça de acesso, a Sul, será novamente remodelada. A praça do *forum* será de planta simples, com um eixo central que organiza toda a construção. (**fig. 3**) O templo, implantado ao centro desse eixo, será rodeado por um pórtico em π , formando um conjunto equilibrado, enaltecido através de uma solução simples. O templo e o pórtico serão construídos sobre uma plataforma, aumentando a sua altura em relação à praça. É amplificado o seu impacto visual, guiando inevitavelmente o olhar para o templo. O pórtico terá um duplicado semienterrado, o cripto-pórtico, que se transformará numa zona utilizável. Por sua vez, o templo será acessível por uma escadaria central, ladeada por dois maciços de alvenaria, sobre os quais se terão implantado duas estátuas. Ao lado destes dois maciços, num nível inferior, conservaram-se duas estruturas, que prolongam as supostas bases de estátua³⁹. Delas apenas se preserva um nível de *opus signinum* que terá revestido o fundo de uma estrutura, rectangular, construída em tijolo e da qual ainda hoje se conservam algumas fiadas. Robert Etienne descartou a possibilidade de se tratarem de dois tanques⁴⁰, todavia os dois tanques existentes na palestra das Termas Sul

são em todo idênticos aos do *forum*, ao que somando uma análise comparativa com os exemplos hispânicos, me sugere que ambas as construções, infelizmente em mau estado de conservação, sejam pequenos tanques. A cota conservada indica que a sua altura deveria prolongar-se até o nível do *temenos*. Estariam estes tanques relacionados com o culto imperial? Se assim se confirmar integrariam a liturgia, que o pórtico e o *temenos* deste templo deixa imaginar, com uma procissão em redor do templo, embora não exista qualquer indício seguro de como se faria o acesso ao *temenos*.

Outro elemento importante neste *forum* está localizado no seu único acesso directo. Monumentalizado, talvez, com um arco *tetrapylon* semelhante ao de Caparra, existiu no seu lado oriental, a base de um tanque revestido com argamassa hidráulica, e o respectivo escoamento para a cloaca. O tanque antecede uma construção, (talvez um templo *in antis* com uma cripta) e uma escadaria superior de acesso.⁴¹ É legítimo pensar que uma construção gêmea ocupou o lado ocidental, aliás onde existe uma canalização de escoamento com tampa. Junto ao limite exterior do *forum* existe uma pequena pia, escavada num bloco de calcário, mas este elemento encontra-se descontextualizado.

Ainda no interior do *forum* merece menção uma cisterna, mais tardia, instalada no cripto-pórtico⁴². Esta readaptação, talvez ocorrida durante o séc. IV, tem um paralelo na mesma cidade. O pátio da *insula* do aqueduto, talvez em data muito próxima, foi reconvertido numa cisterna. A cisterna do criptopórtico terá sido alimentada pela água proveniente das coberturas do pórtico, e possivelmente, pela água do *temenos*. A hipótese desta cisterna ter funcionado como depósito associado ao *castellum aquae* é interessante mas nenhum elemento, de abastecimento ou de posterior distribuição urbana da água, permite esta conclusão. Pelo contrário não é muito claro como se processaria a dis-

³⁹ Etienne e Alarcão, 1977; Etienne, 2004.

⁴⁰ Etienne e Alarcão, 1977: p. 92.

⁴¹ Para informação mais detalhada sobre esta questão veja-se o texto de Virgílio Hipólito Correia nestas mesmas actas.

⁴² Etienne e Alarcão, 1977: p. 145 -146; para descrição da cisterna na Insula do Aqueduto ver Correia, 2004: p. 271.

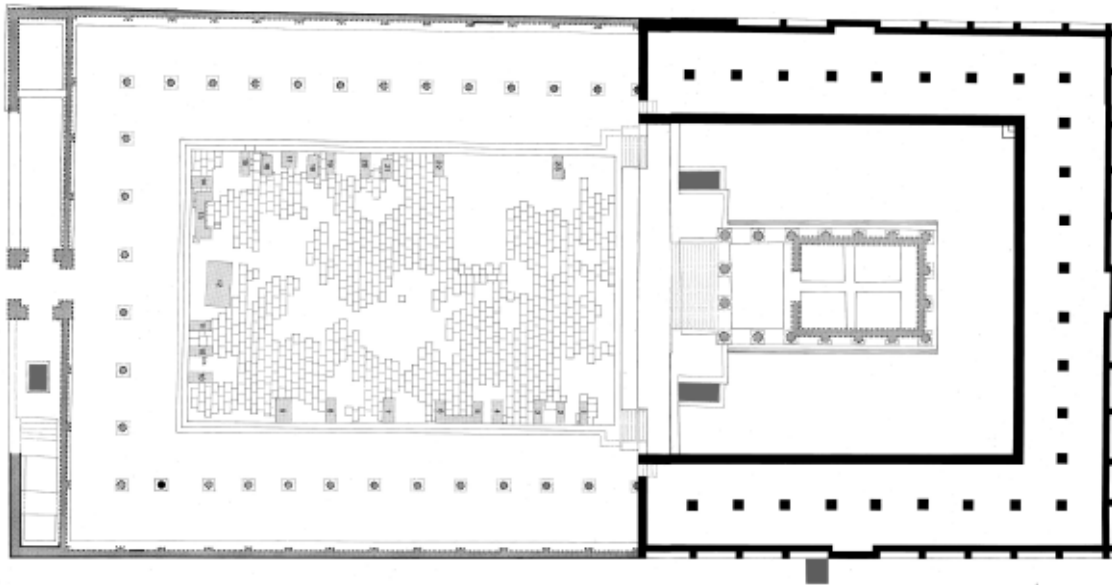


Fig. 3. *Forum* de Conimbriga (in Etienne e Alarcão, 1977).

tribuição da água, já que não se encontra conservado nenhum sistema de elevação. Estaria o pórtico destruído, ou reduzido na sua extensão, quando se construiu a cisterna? Ou seria o seu acesso feito através da porta lateral que da praça dava acesso ao antigo criptopórtico? Se assim fosse a quantidade de água utilizável seria infinitamente menor.

Na Rua a Este do *Forum*, já fora do recinto, encontramos uma das fontes públicas de Conimbriga⁴³. Era uma estrutura simples, com pia rectangular e situada numa rua do centro da cidade. Construída contra a êxedra do criptopórtico, é anterior às latrinas que mais a Norte ocuparam parte desta via. Da decoração deste *saliente publicus* nada sabemos, apenas se reconhecem alguns fragmentos, que fizeram parte da pia, reutilizados como tampas dos esgotos limítrofes, significando o abandono desta estrutura num momento em que o sistema de escoamento, e talvez as latrinas, ainda se mantinham em utilização. O abastecimento desta fonte apenas se podia realizar através de uma canalização em chumbo, proveniente do *castellum aquae* situado a escassos setenta metros.

Na esquina entre a Rua a Norte do *Forum* e a Rua a Oeste, existiu uma segunda fonte públi-

ca. Estruturalmente idêntica à da Rua a Este, este outro *saliente publicus* encaixa-se entre os dois contrafortes externos do *forum*. Serviria, sem dúvida, o populoso bairro da cidade e a zona a Norte do *forum* a qual nunca foi escavada. É interessante reflectir sobre o sistema de alimentação desta fonte, já que o único ponto de distribuição que conhecemos é o *castellum* situado a 120 m a Este. Para Norte do *forum* situa-se o anfiteatro da cidade, encaixado no vale, cuja ligação com a cidade ainda não foi totalmente definida, nem a sua relação arquitectónica com o *forum*.

Não surpreende que a capital da província seja um dos exemplos mais importantes do culto imperial em solo hispânico e, previsivelmente, o local onde a arquitectura melhor assumiu o seu papel propagandístico. **Colonia Augusta Emerita** foi capital e num certo sentido, pela fórmula e precocidade, centro de expansão do que viria a ser o culto imperial na Lusitânia.

No *forum* da colónia o templo dedicado ao culto imperial enquadra-se na série dos *templa rostrata*. Paralelamente à fachada da *cella*, foram construídos dois tanques (fig 4). O ocidental foi levantado em tijolo e internamente revestido com *opus signinum*. Apresenta umas dimensões de 12,20 m x 3,75 m e 1,82 m de profundidade (fig 5). No seu

⁴³ Etienne e Alarcão, 1977: 140.

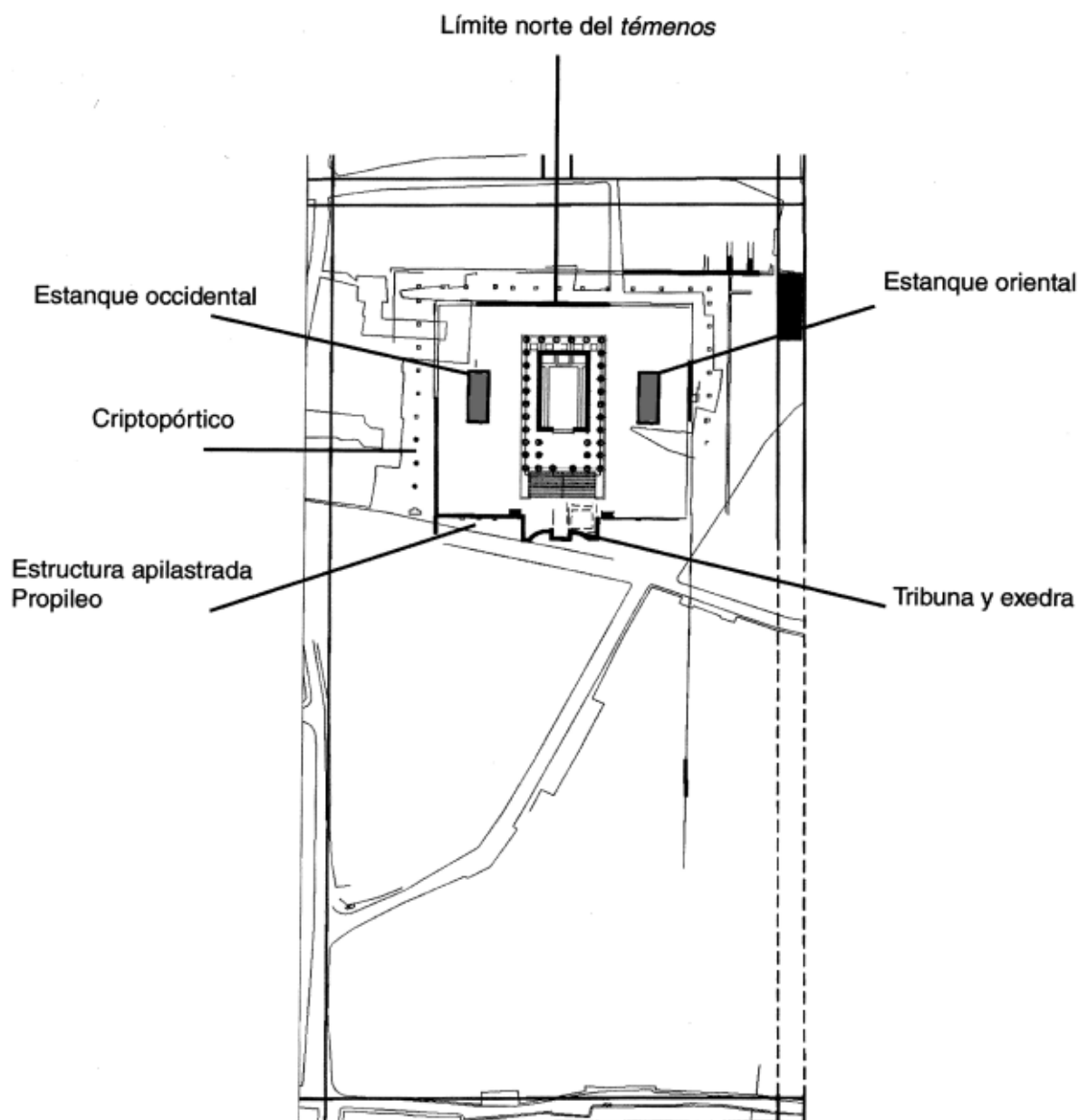


Fig. 4. *Forum Coloniae* de Mérida (in Álvarez-Nogales, 2003).

lado Norte conserva-se um pedestal sobre o qual terá sido colocada uma estátua. No lado oposto, cinco degraus permitiam o acesso ao seu interior⁴⁴. Ambos os tanques, dos quais apenas um é actualmente visível, enquadravam-se no interior do *temenos* do templo, cuja área poderia ter sido parcialmente ajardinada. Um canal, revestido com placas de mármore apresenta uma inclinação para o seu interior sugerindo tratar-se de uma solução para a

recolha das águas superficiais do *temenos*. Era, no entanto, uma canalização em alvenaria que assegurava o abastecimento (contínuo ?) destes dois tanques. Esta última, nascia numa cisterna situada por baixo do *pronaos* do templo. A cisterna deveria recolher a água pluvial da cobertura, apesar de serem escassas as informações que sobre ela existem⁴⁵. Os dois tanques laterais de Mérida encontram um paralelo muito interessante no recente-

⁴⁴ Álvarez Martínez y Nogales Basarrate, 2003: p. 174 – 179.

⁴⁵ Álvarez Martínez y Nogales Basarrate, 2003: p. 148 – 149.

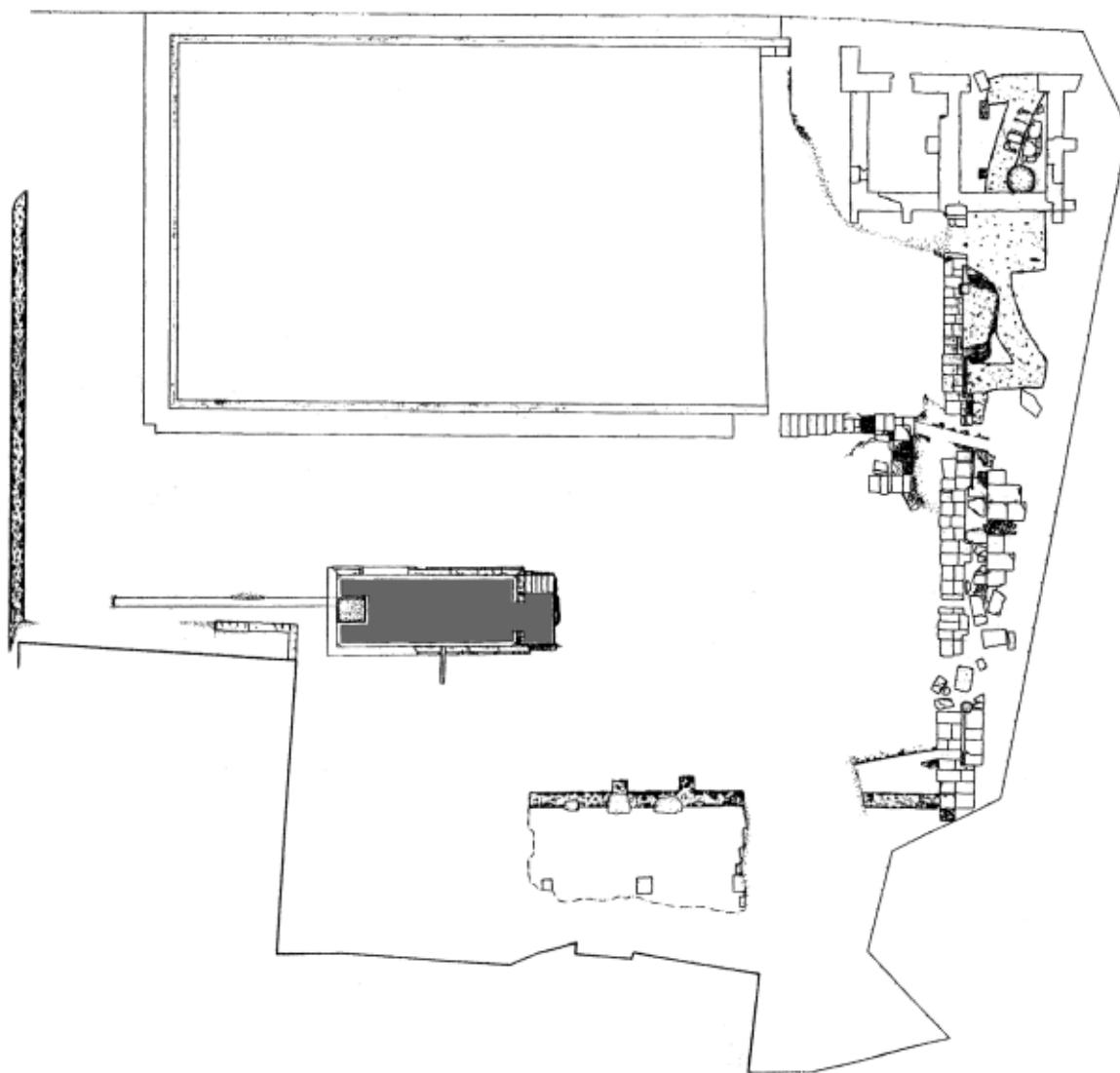


Fig. 5. Templo dito de Diana, Mérida (in Álvarez-Nogales, 2003).

mente publicado templo da *Colonia Augusta Firma* (Ecija), onde um tanque, de maiores dimensões que o exemplo emeritense, está situado nas traseiras do templo. O caso emeritense poderá ser relacionado com um outro exemplo hispânico, talvez menos evidente, existente na cidade de Clunia. No seu *forum*, a Este do templo, uma estrutura semelhante à emeritense é interpretada como tanque, ou possível cisterna. No exemplo cluniense o tanque ladeia o *podium* do templo, num dos seus lados a parede desenha uma abside, talvez com uma semi-cúpula como cobertura. Num dos lados menores, alguns degraus, permitiam o acesso ao

seu interior. Um elemento comum entre estes exemplos hispânicos é a existência de escadarias de acesso ao interior do tanque, cuja existência poderá relacionar-se com a liturgia imperial, sublinhando o arriscado desta proposta já que não existem dados que permitam comprovar esta hipótese, podendo tratar-se, apenas, de escadarias de acesso para limpeza e manutenção da estrutura⁴⁶.

⁴⁶ No exemplo eborense não existem degraus. A não ser que as reentrâncias aqui propostas como negativos das fontes de alimentação sejam apenas o que resta dos degraus de acesso. Notar que a profundidade entre os exemplos de Évora, Mérida e Clunia é diferente, sendo muito inferior a do primeiro exemplo.

Os dois tanques do emeritense Templo de Diana são elementos importantes na concepção arquitectónica do conjunto, como aliás se regista na maioria dos casos aqui mencionados. A sua funcionalidade poderia estar relacionada com a recriação do *ambulacrio*, a procissão ritual em volta do templo, mas nenhum elemento ou testemunho faz prova desta interpretação funcional. É inegável que a localização destas estruturas hidráulicas corresponde a uma exigência litúrgica e não apenas a um requisito meramente decorativo, como é expectável numa construção dedicada ao culto, onde todos os elementos deveriam encerrar um significado.

Outra questão é considerar ou não estas estruturas, tanques ao ar livre sem elementos decorativos construídos⁴⁷, como ninfeus. São de facto, espelhos de água situados no interior do espaço sagrado, mas terá assumido esta água um significado especial? Escapa-nos a resposta. No actualmente interpretado como *augustaeum* de Mérida um *euripes*, de dimensões consideráveis, percorre o limite do pórtico. Desta estrutura, que pelas suas dimensões transportou uma quantidade considerável de água, apenas se conhece uma pequena parte sem ser muito clara a forma como se desenha a continuação deste *euripes*.⁴⁸

Na mesma cidade, existe uma outra construção recentemente interpretada como ninfeu. O *Castellum aquae* do aqueduto dos Milagros, no Cerro del Calvário, junto ao cardo máximo emeritense foi construído em *opus caementicium* e externamente revestido em *opus mixtum*, com silhares em granito na base e nos ângulos, e preenchidas as faces com tijolos⁴⁹ (fig. 6). No seu lado Este conserva-se uma grossa camada de *opus signinum*, sobre o qual se colocaram placas de mármore. A planta em U desta estrutura, a sua ligação com o aqueduto e a utilização de mármore na sua decoração exterior, sugere a sua dupla funcionalidade:

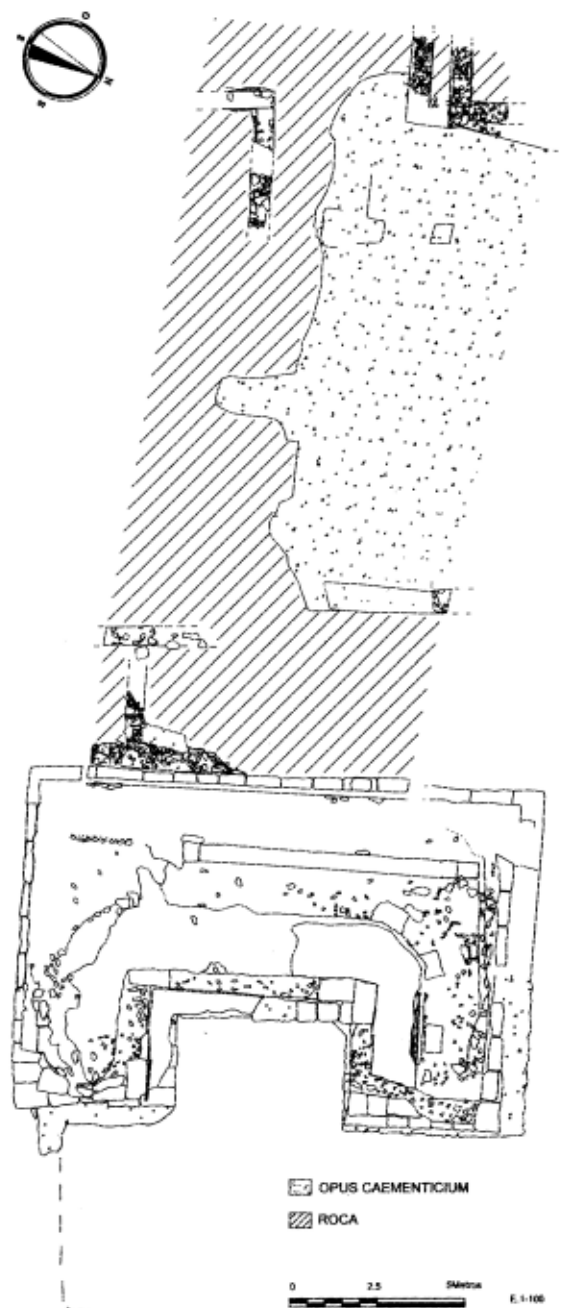


Fig. 6. Ninfeu, Mérida (in, Mateos Cruz, 2002).

possível ponto de distribuição da água do aqueduto e fontanário monumental ou ninfeu.

A monumentalização do ponto de chegada do aqueduto à cidade pode-nos sugerir esta sua classificação, contudo não se registaram elementos decorativos que liminarmente apoiem esta suposição.

Num outro espaço público emeritense existem indícios de uma outra fonte monumental.

⁴⁷ Teriam estátuas associadas, como revelam os pódios conservados.

⁴⁸ Álvarez Martínez y Nogales Basarrate, 2003: p. 318 – 320.

⁴⁹ Mateos Cruz, 2002: p. 76 – 77; ver também Nogales Basarrate, 2002; Mosquera Müller y Nogales Basarrate, 2000.

Durante as escavações do teatro José Melida recuperou uma representação escultórica de um sileno, reclinado, esculpido em mármore⁵⁰. Esta escultura seria parte integrante da decoração do *pulpitum* do teatro. Na opinião de alguns investigadores⁵¹ o sileno completaria, com uma outra escultura idêntica mas em posição invertida, um conjunto decorativo de uma fonte formada por tanques alternadamente quadrangulares e circulares, revestidos com placas de mármore. A construção desta fonte decorativa corresponderia ao momento de decoração da *frons scaenae*, ou seja durante o reinado de Cláudio. A importância deste conjunto extravasa a sua classificação, ou não, como ninfeu. Aqui é a provável ligação com o culto imperial o dado mais proeminente.

Não existem mais notícias de *fons*, *lacus* ou cisternas associadas aos *fora* lusitanos, porém escavações recentes no limite exterior do criptopórtico de **Aeminium**, (actual Coimbra), trouxeram à luz uma fonte pública, em notável estado de conservação, alimentada por uma mina de água⁵².

Na cidade de **Eburobritium**, próxima à actual Óbidos, recolhemos apenas um indício de uma canalização que no sentido Este/Oeste percorre a praça do *forum*⁵³. O interessante *forum* desta cidade, do qual apenas temos um conhecimento parcial, pois sobre ele foi construída uma autoestrada, tem 43,20 m x 64,80 m e são-lhe identificadas duas fases, a última das quais de época flaviana. Foram escavadas oito *tabernae* situadas a poente, e três a Norte. O templo permanece por baixo da dita via rodoviária.

Em recente artigo foi sugerido por Jorge Alarcão⁵⁴ que o *neptunale* referido na inscrição monumental de **Bobadela** poderá ter pertencido a

um fontanário monumental, com arquitrave direita, no *forum* da cidade. Na opinião do mesmo autor uns tambores de coluna dupla, daqui provenientes, poderiam ser adscritos à arquitectura desta fonte. Outros autores não partilham da mesma opinião⁵⁵.

Em escavações em curso na cidade de **Oli-sipo** estará a ser escavada uma fonte pública mas para a conhecer deveremos aguardar pela conclusão e publicação dos resultados. Na cidade de **Caparra**, Antonio Floriano refere “*piedras que pertenecieron sin duda a un Nymphaeum o fuente pública*”⁵⁶, situando esta estrutura a Este do *cardus* que aqui segue o percurso da Via da Plata. A estrutura está relacionada com uma canalização proveniente de uma barragem situada na área extramuros da cidade. A localização desta fonte não coincide com o *forum*, situado mais a Sul, mas poderá ter alguma ligação à monumentalização do eixo principal da cidade.

Outros exemplos na Hispânia

Estaria incompleta esta sucinta análise se não transpusessemos as fronteiras da Lusitânia. Não só por serem os *fora* da Tarraconensis, ou os da Bética, os exemplos mais próximos aos lusitanos, como

⁵⁰ N.º inv. MNAR 20.643.

⁵¹ É profícua e variada a bibliografia sobre esta temática, destaco apenas alguns títulos importantes pelas propostas interpretativas apresentadas e nos quais se refere, de forma actualizada, a bibliografia sobre este tema. Ver Nogales Basarrate, 2002; Trillmich, 1989/90; *idem*, 2004.

⁵² Neste mesmo volume é publicado um artigo de Pedro Carvalho sobre esta interessante estrutura, pelo que remetemos para essas páginas a descrição e interpretação da mesma.

⁵³ Moreira, 2000: p. 133-134

⁵⁴ Alarcão, 2002/2003; *idem*, 2004.

⁵⁵ Vasco Mantas sugere que a epigrafe pertencia ao templo principal da cidade, situado em Bobadela, consagrado a Neptuno e construído a expensas de *C. Cantius Modestinus*, proposta reforçada, na opinião do autor pelas relações dos *Cantii*, importante família local, ao porto de Aquileia o que justificaria a existência de um culto a um deus do mar numa zona do interior (Mantas, 2002: p. 233; Mantas, 1998b). Jorge Alarcão defende, em artigo recente, que a inscrição, porventura incompleta, estaria associada a um *nymphaeum Neptunale* (Alarcão, 2002/2003; *idem*, 2004). Contrariando a opinião de Jorge Alarcão, José d'Encarnação sugere tratar-se de uma inscrição completa, significando o local onde se venerava Neptuno. Este autor propõe uma relação entre a construção do templo dedicado a Neptuno e a passagem de Pompeu, vencedor de Sertório (Encarnação, 2006). Luís da Silva Fernandes (Fernandes, 2002: p. 131) salienta que a invocação de Neptuno na inscrição de Bobadela estaria relacionada com o carácter fluvial da divindade, invocando os numerosos mananciais de águas termais existentes na envolvente de Bobadela. Convém recordar que a festa de Neptuno, as *Neptunalia*, se celebrava no pico do verão, mais precisamente no dia 23 de Julho. No decorrer destas festas construíam-se umas cabanas para sombra, chamadas *umbrae*, para abrigar os devotos do sol, apesar de não ser muito clara a sua verdadeira função cultural. Às *Neptunalia* foram associados jogos, os *Ludi Neptunales*, testemunhados desde o séc. III d.C., durante os quais decorriam corridas de cavalos e naumaquias.

⁵⁶ Floriano, 1944: p. 273

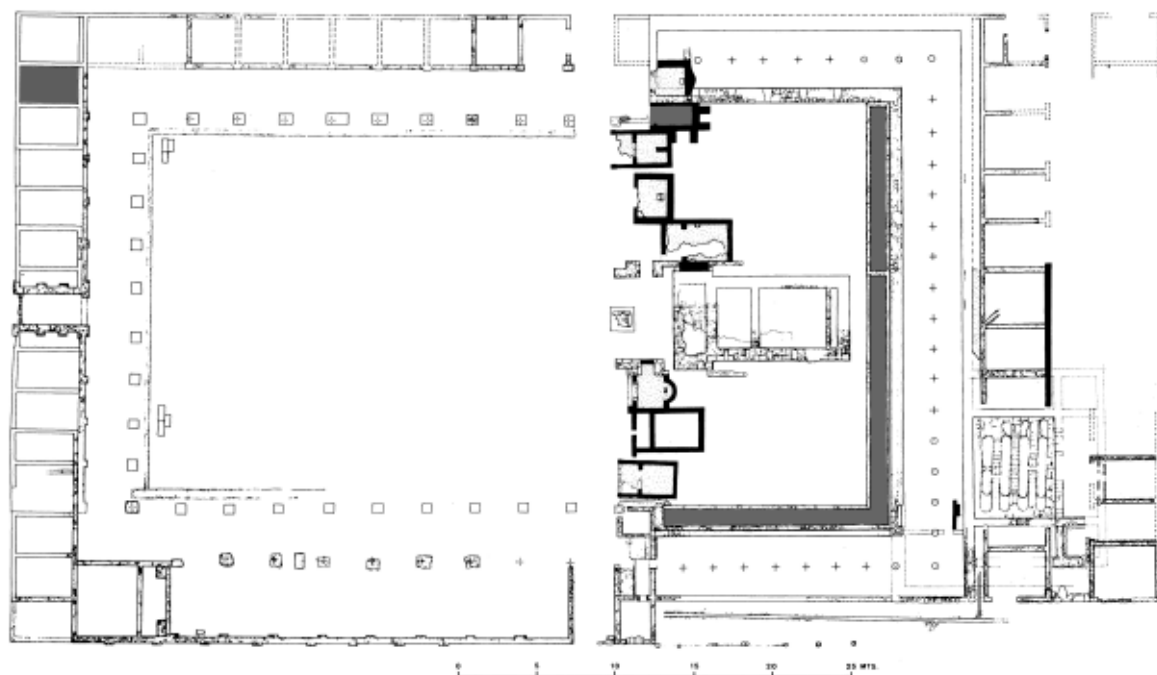


Fig. 7. *Forum de Ampurias* (in Aquilué, 1984).

também se impõe para o estudo da arquitectura oficial do império uma visão de conjunto. É inegável que os testemunhos reunidos neste texto demonstram a variedade de soluções adoptadas para integrar a água na envolvente dos templos dedicados ao culto imperial, mas também ressaltam, como já aqui afirmamos, a estreita relação entre a água e a liturgia. Não conseguimos, fruto da variabilidade das formas, encontrar um modelo ou tipologia de fonte, ou tanque, associado a estes templos de culto imperial. De outro modo, constatamos como estas estruturas hidráulicas se podem localizar nos laterais, nas traseiras do templo ou associadas aos pórticos que envolvem o *temenos* do templo. Esta multiplicidade de soluções assume maiores proporções se alargarmos a área de estudo. Excluindo todos os exemplos de cidades hispânicas com cisternas situadas no *fora*, que decorrem, na maioria dos casos, por razões práticas e não por questões litúrgicas ou religiosas, existem em vários pontos da Hispânia romana exemplos evidentes de que esta foi uma prática comum.

No *forum* de **Ampurias** existem três tanques que acompanham o limite entre o *temenos* e o criptopórtico (fig. 7). Um primeiro, com planta em L, percorria 28,60m do limite oriental do *teme-*

nos, apresentando uma largura de 2 metros. Um segundo tanque, adossado ao primeiro, prosseguia pelo limite do *temenos* por mais 20,60 m sem contudo percorrer a ala ocidental. À semelhança do primeiro, tinha 2 m de largura. Um terceiro tanque, paralelo ao primeiro, tinha 2,20 m de largura, mas com apenas 4,60 m de comprimento, ou seja, não acompanhava totalmente a ala ocidental do criptopórtico. A cronologia atribuída à construção destes três tanques não é consensual, porém é sugerido que o primeiro e segundo tanque fossem de construção anterior, talvez contemporâneos, à construção do templo principal do *forum*⁵⁷, isto é, durante o reinado do *princeps*. Já o terceiro tanque, mais pequeno, seria de construção posterior, obliterando uma das janelas do criptopórtico e adossado a um dos templos de época de Augusto, o que sugere uma cronologia flávia⁵⁸. Referir que sob uma das *tabernae* foi documentada uma cisterna, desconhecendo-se contudo se é, ou não, contemporânea ao espaço comercial.

⁵⁷ Aquilué, 2004: p. 38 – 39; Aquilué, 1984.

⁵⁸ Burés Vilaseca, 1998: p. 351.

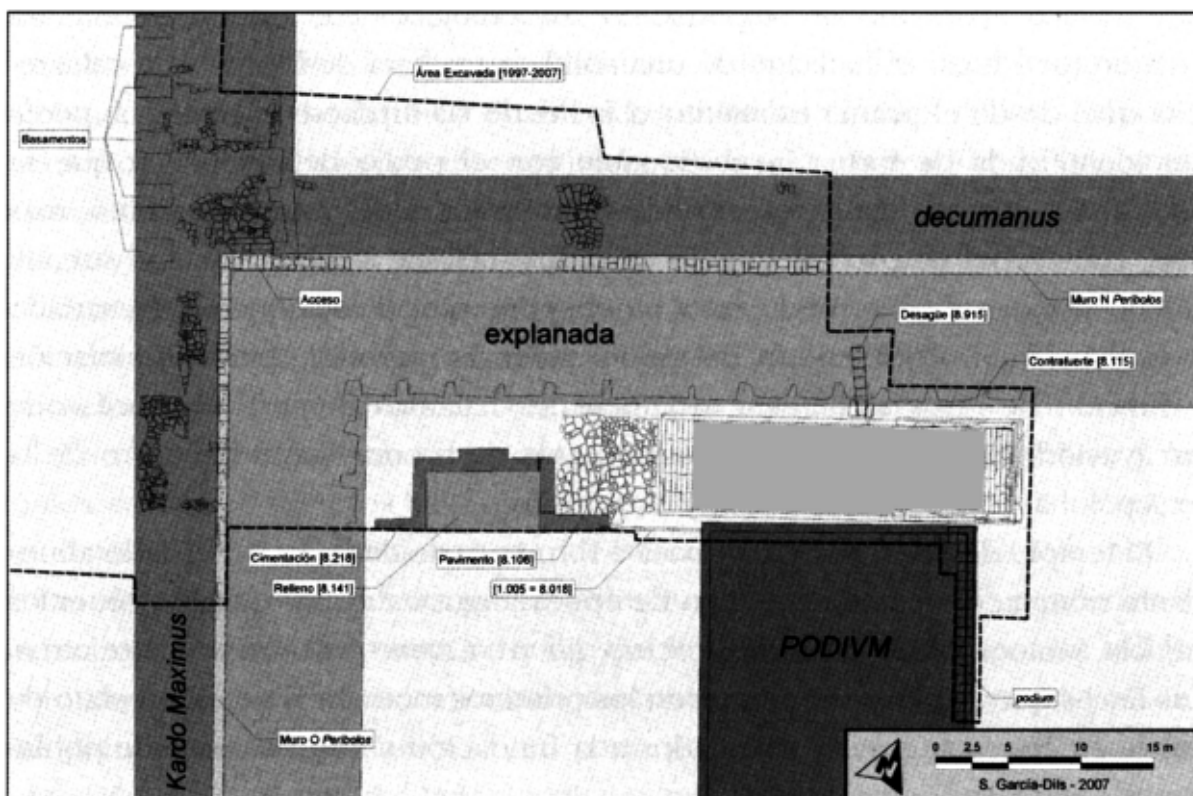


Fig. 8. Templo de Astigi, Écija (in García-Dils de la Vega, 2007b).

Numas recentes escavações urbanas em Écija, a **Colonia Augusta Firma Astigi** romana, identificou-se um tanque de grandes dimensões inicialmente interpretado como *natatio* de umas termas públicas (fig. 8). Em 2007 a referida *natatio* é objecto de uma reinterpretação, e publicada como um grande tanque situado no *temenos* de um templo, não identificado⁵⁹. As inegáveis similitudes entre este tanque e os existentes no *temenos* do Templo de Diana em Mérida, conduziu os autores da nova proposta interpretativa a sugerir que, no caso astigano, também seriam dois os tanques que ladeavam o *podium* de um templo⁶⁰. Na mais recente publicação esta proposta é revista com base nos novos dados arqueológicos. É de facto um tanque situado junto ao *podium* de um templo, mas neste caso, situado nas traseiras do templo, nas costas da *cella*. As dimensões deste interes-

sante tanque, revestido a *opus signinum*, são de 23,80 m por 6,32 m e com 1,29 a 1,38 m de profundidade. Em ambos os lados menores do tanque existiu uma escadaria de acesso com cinco degraus. A construção do templo e deste tanque, que se propõem serem coetâneos, é assinalada como de época augustana, ou seja do momento de fundação de Astigi⁶¹.

Durante o reinado de Cláudio é construída no *forum* da gaditana **Baelo Claudia** uma fonte. Entre a esplanada dos três templos e a praça do *forum*, foi criado um muro de contenção de terras, solução que permitiu aliviar os problemas de erosão que o desnível acentuava (fig. 9). Na opinião de Michel Ponsich⁶² a fonte foi construída com objectivos puramente práticos. Segundo este autor, seria esta fonte a solução encontrada para gerir a água subterrânea proveniente da área superior do

⁵⁹ García-Dils De La Vega, 2007a.

⁶⁰ García-Dils De La Vega, 2007a.

⁶¹ García-Dils De La Vega, 2007b.

⁶² Ponsich, 1974: P. 27-28.

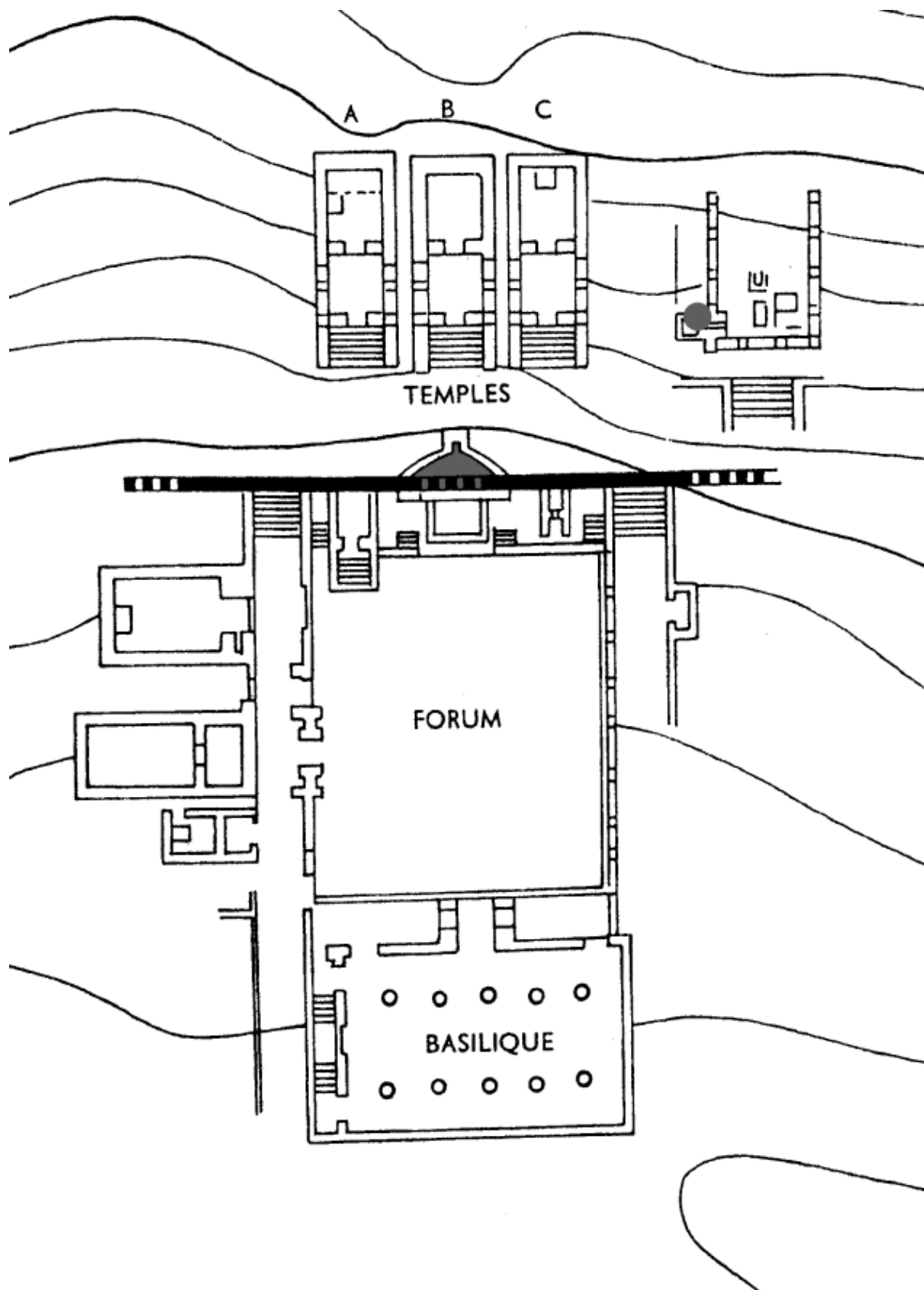


Fig. 9. *Forum de Belo* (in Ponsich, 1974).

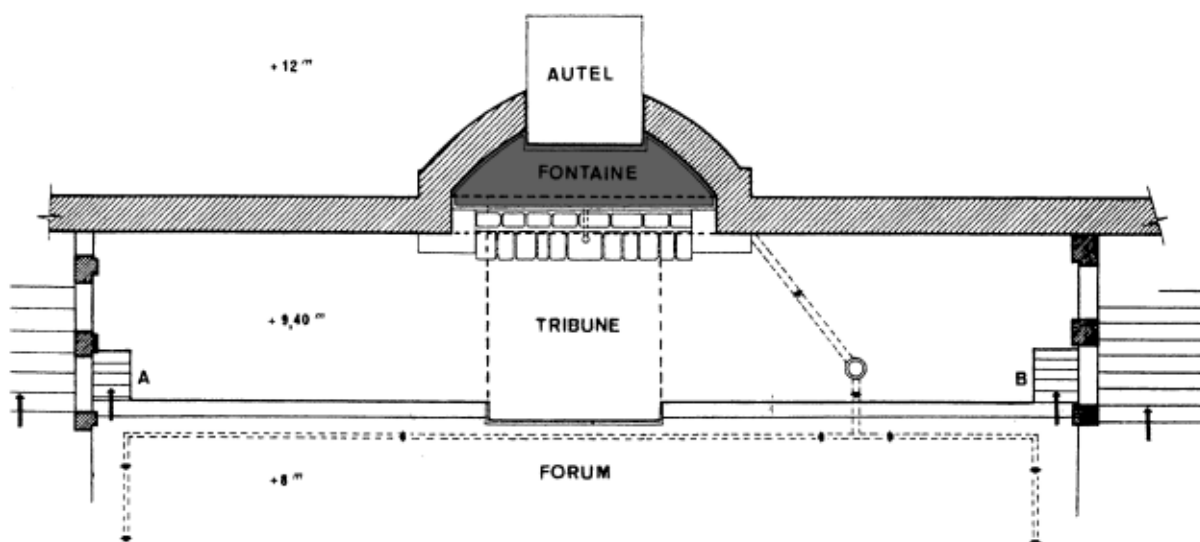


Fig. 10. Fontanário de Belo (in Ponsich, 1974).

templo, canalizando-a até o muro de contenção, e aproveitando-a como fonte pública. Só mais tarde, com a construção do Templo E, a fonte adquire, na opinião de Michel Ponsich, um cariz ritual, ou pelo menos, sagrado⁶³. A implantação e arquitectura desta fonte sugere-me que esse carácter ritual, ou pelo menos o seu papel num determinado comportamento ritual, existiu desde a sua construção e independentemente do seu carácter funcional na gestão das infiltrações no *temenos* dos templos que poderiam provocar a derrocada do muro de contenção (fig. 10). A fonte envolveu o altar que presidia o *forum* servindo de cenário à tribuna. Não esqueçamos que é neste altar que se praticavam os sacrifícios animais e é neste ponto específico onde acontece um dos momentos de maior aparato nas cerimónias rituais. Numa segunda fase a fonte será “libertada” da tribuna, e construídos mais dois templos laterais, sem com isso impedir ou alterar o acesso frontal à fonte⁶⁴.

No *forum* da cidade de **Bilbilis**, construído sobre uma plataforma estruturada em dois níveis de pórticos, foi identificada uma cisterna associada a um espaço absidal interpretado como uma possível “fontana”, anteriormente denominada como ninfeu

por Manuel Martín-Bueno⁶⁵. Era uma estrutura em abside que encostava a um dos muros laterais do templo, alinhada com o pórtico superior (fig. 11). O seu abastecimento encontrava-se assegurado pela pequena cisterna, (com 3,7m x 2,8m x 1,7m) que a antecede a Norte. Curiosa, também, a localização desta fonte. Situada na área do triplo pórtico, a fonte situa-se no acesso ao teatro. A cronologia desta estrutura, e pese ao escasso material identificado durante a sua escavação em 1971, deve estar relacionada com a primeira fase de construção do templo, ou seja em 27 d.C., momento no qual se coloca no *forum* a dedicatória a Tibério por um tal *Aemilius*.

No lado oposto existem os vestígios de um revestimento em *opus signinum* que poderão ser os ténues vestígios de uma estrutura gémea à primeira⁶⁶.

O *forum* de **Valeria**, cidade da meseta, implanta-se na zona mais plana da elevação, que aqui não corresponde ao ponto mais alto do aglomerado, mas sim ao mais propício para construir a praça da cidade. Durante o reinado de Cláudio, o *forum* primitivo é substituído por um segundo *forum* de maiores dimensões e monumentalidade. Para resolver os problemas construtivos impostos

⁶³ Ponsich, 1974: p. 38.

⁶⁴ Ponsich, 1974: 21 – 39, Pelletier, 1987: p.165.

⁶⁵ Martín-Bueno, 1975a: p. 146.

⁶⁶ Martín-Bueno, 1987: p. 107.



Fig. 11. *Forum de Bilbilis* (in Martín-Bueno, 1975a).

pela irregularidade do terreno o arquitecto optou por um original projecto. Ao criar a plataforma onde assentou a praça e os edifícios do *forum*, era necessário construir duas fortes paredes de contenção de terras. Numa dessas paredes é construída uma fonte monumental, e o enchimento desta estrutura de suporte aproveitado para construir no seu interior quatro cisternas, que alimentavam a fonte, e provavelmente outros edifícios da cidade. A escolha desta solução pode estar relacionada com a necessidade em escoar as águas infiltradas na nova plataforma, e como forma para aliviar a força exercida sobre os muros de contenção, no entanto, esta fonte servirá como fachada monumental de uma segunda praça que ladeia o *forum*. A fonte é composta por sete nichos semicirculares, alternados com seis êxedras rectangulares construídas no potente muro de contenção, e no interior do qual, corre o canal de abastecimento da fonte. Tinha catorze repuxos, mas desconhece-se como era a pia para a qual vertiam estes repuxos. A sua relação com o *forum* não é de todo evidente, na verdade encontra-se num dos acessos, mas não deixa de ser um interessante exemplo de fonte monumental construída nas imediações de um *forum*.

Entre 1989 e 1990 foi re-escavada na cidade de **Clunia** uma estrutura identificada em 1915 por Ignacio Calvo, situada a sete metros do muro lateral do templo⁶⁷ (fig 12). A estrutura conservava uma canalização em meia cana, esculpida em silhares, que percorria parte da praça do *forum*, e que canalizava a água pluvial para o interior do tanque, muito semelhante à descrita para o Templo de Diana em Mérida. Por seu lado o tanque, escavado na rocha, mede aproximadamente 10 m x 4,4 m. Uma abside de 6 m de corda decora a parede Norte. Na parede Este foram construídos degraus de acesso ao interior, dos quais já se identificaram três, existindo um quarto degrau mal conservado. A construção destes degraus é realizada numa segunda fase, de difícil precisão cronológica. Os autores da escavação deste monumento sugerem a existência de uma cobertura em abóbada⁶⁸ mas deixam em aberto a hipótese de se ter apenas coberto a zona da abside. Esta hipótese baseia-se na existência de um conjunto de concavidades, com perfil quadrangular,

⁶⁷ Palol, 2000: p. 159.

⁶⁸ Palol, 2000: p. 160.

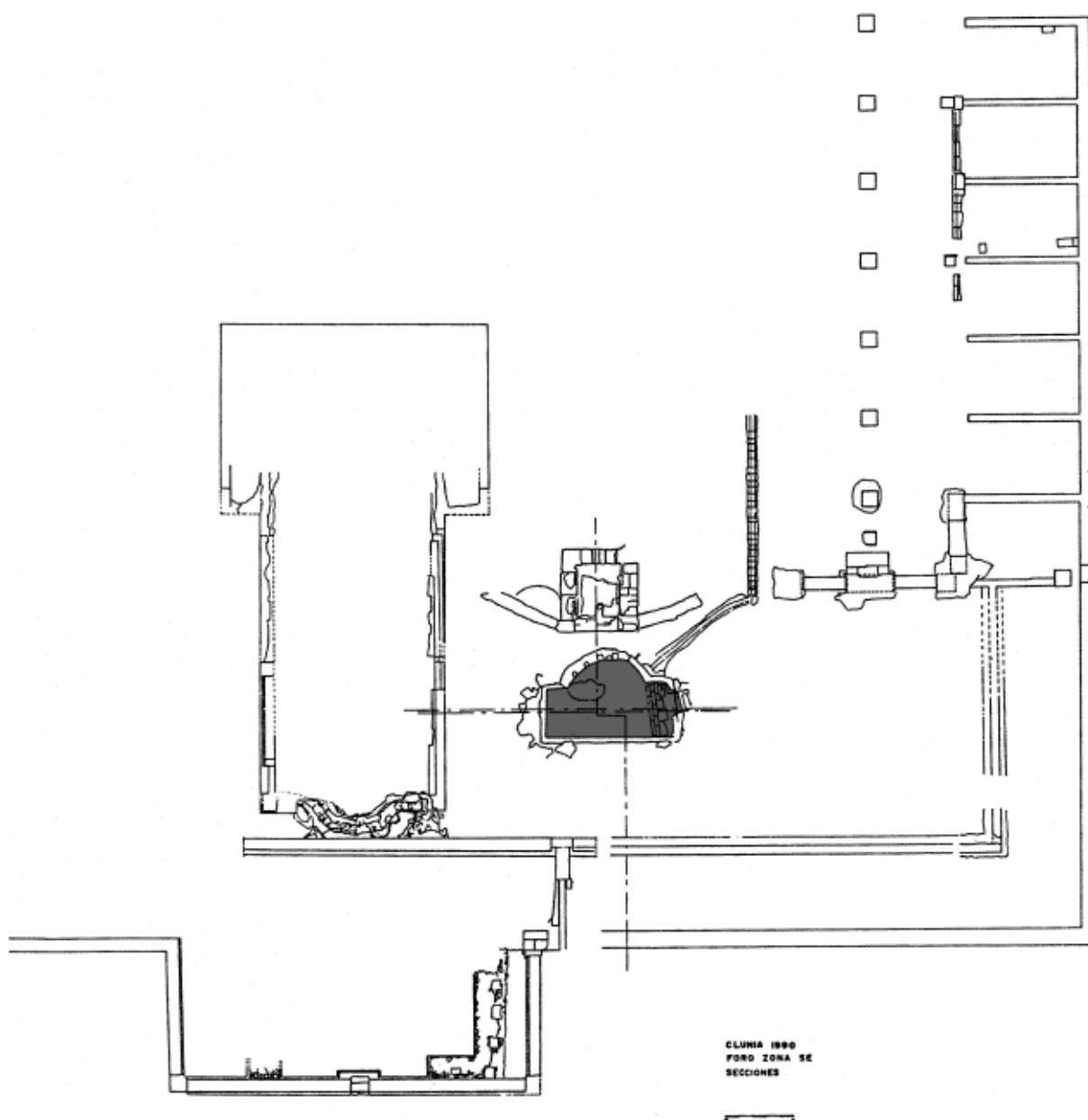


Fig. 12. Forum de Clunia (in Palol, 2000).

identificadas na zona da abside, interpretadas como vestígios dos encaixes da cobertura, que se assim fosse seria plana e com vigas em madeira, o que em parte contradiz a natureza deste espaço, podendo tratar-se, apenas, dos vestígios dos encaixes dos andaimes, que posteriormente seriam recobertos com argamassa. A profundidade deste tanque não superava os 2 m. Para quem olhava para a fachada do templo, o tanque estaria situado à direita. Antecedia-o uma outra estrutura, de difícil compreensão, pois

dela apenas se identificou parte das fundações de uma plataforma de planta octogonal, no centro da qual se ergue uma base rectangular que poderia receber um altar (?).

Não devemos esquecer que o templo de Clunia é consagrado a Júpiter, é de estilo coríntio, pseudoperiptero e certamente próstilo. Uma das grandes originalidades deste templo é a abside desenhada pelo *podium* e consequentemente representada no estereobato, fugindo à regra da

arquitectura republicana e de início do império. A escadaria de acesso, tal como nos exemplos de Évora ou de Mérida, era lateral e provavelmente, com uma plataforma intermédia.

Este templo foi desde sempre definido como dedicado a Júpiter Cluniense na sua acepção de Ótimo Máximo e como adição ao *capitolium* da colónia. Aliás a inscrição a Minerva Augusta encontrada no interior deste tanque nas escavações de 1915⁶⁹ sugeriram a Pedro Palol a identificação de um *capitolium*. A relação deste tanque com o culto imperial afigura-se mais que provável. Os autores sugerem a relação entre este “ninfeu” e o culto imperial⁷⁰.

Um outro exemplo hispânico está documentado na cidade de **Termes**, em Sória. No interior do *forum* quadripórtico, de época flávia, foi localizada uma fonte, rectangular, inserida num espaço delimitado pelo topo da galeria dupla do pórtico ocidental. Santiago Martínez Caballero⁷¹ descreve um segundo tanque no interior do qual se conservava uma base em alvenaria, com uma altura superior ao rebordo do tanque, o que claramente sugeriu a sua identificação com um pedestal (para uma estátua?). Em recentes escavações identificou-se uma terceira fonte, pertencente à fase Júlio-Cláudia do *forum*, mas sobre a qual ainda não existem dados mais pormenorizados⁷².

Na cidade de **Carteia** foi escavado e identificado um templo e parte do *forum*. Os problemas interpretativos deste conjunto público foram extensamente expostos e minuciosamente descritos em publicações recentes. Nas descrições deste templo surge mencionada uma piscina, situada nas traseiras do edifício, e desde um primeiro momento assumida como tardia (**fig. 13**). Conhecida desde 1857 e escavada em 1965, a piscina tem planta ligeiramente trapezoidal com um comprimento de 9,97

m, sendo a sua largura máxima de 3,07 m. Nos lados menores esta piscina tem duas pequenas absides, imperfeitas por num dos ângulos apresentarem cinco degraus de acesso ao interior, situados em ângulos opostos de cada um dos lados. A profundidade da piscina é de 1,65 m conservando uma abertura para escoamento da água e uma outra, superior, para o seu suposto abastecimento. Durante as escavações dos anos sessenta foi possível constatar que o rebordo da piscina estava recoberto externamente por argamassa, o que sugeria a existência de um parapeito de medida desconhecida. Não entanto, é dito que a 65 cm abaixo do bordo, no lado da piscina virado para o *podium* do templo, se encontrava um pavimento “de pasillo”, supomos, revestido com argamassa⁷³. Nas fotografias publicadas observa-se o que aparenta ser um empedrado entre o *podium* do templo e a piscina. Em 2006 uma publicação de fôlego reúne todo o material existente sobre Carteia publicando os levantamentos mais recentes e a reanálise dos dados existentes. No que diz respeito à piscina diz-se: “(...) se construyó una gran piscina detrás del antiguo templo que parece fecharse en el s.III d.C., lo que plantea nuevas dudas en relación con el uso público o privado de este sector a partir de entonces.”⁷⁴. A datação desta piscina assenta nos materiais identificados na escavação do Corte C.1 que coincidiu com a vala escavada em 1965, e consequentemente não trouxe qualquer novidade, todavia “en uno de los ábsides podía ver-se un fragmento de clara D, que daría una fecha *post quem* del siglo III d.C.”⁷⁵.

As semelhanças entre esta piscina e o tanque existente nas traseiras do templo de *Astigi* são evidentes. É tentador ver em *Carteia* mais um exemplo de um tanque associado a um templo, aliás com um paralelo geograficamente próximo. Nas escavações dos anos sessenta parece clara a

⁶⁹ Calvo, 1916: n.º 18.

⁷⁰ Palol, 2000: p.163, 225 - 230.

⁷¹ Martínez Caballero, 2007: 277-278.

⁷² Martínez Caballero, 2007: 278-279; Na numerosa bibliografia consultada sobre Termes, não foi possível encontrar plantas ou figuras que permitam uma descrição mais pormenorizada destas fontes.

⁷³ Roldán Gómez, 1998: p. 125.

⁷⁴ Roldán Gómez, 2006: p. 397.

⁷⁵ Roldán Gómez, 2006: p. 174.



Fig. 13. *Forum de Carteia* (in Roldán Gómez, 1998).

relação entre esta piscina e o templo. É descrito um nível de circulação a uma cota inferior ao do topo do rebordo, e que estaria perfeitamente identificado no *podium* do templo e na parede exterior da piscina (destruído, ao que parece, no processo de escavação dos anos sessenta).

Por outro lado a discrepância cronológica entre a construção da piscina, perfeitamente alinhada com o *podium* do templo, mas não com as restantes construções mais tardias registadas na sua envolvente, pode encontrar resposta numa obra, mais tardia, de reabilitação da estrutura. Este possível exemplo deverá, contudo, ser objecto de uma reanálise e confrontado com os dados de novas escavações no *forum de Carteia*.

Exemplos não hispânicos de tanques e fontes nos *fora*

Um dos primeiros exemplos de tanques no *temenos* de um templo é evocado por Teodor Hauschild quando procura paralelos para o exemplo eborense. Associado ao *temenos* do *capitolium* da antiga cidade de **Luna** (Luni, Itália) existiu um tanque que acompanhou os três lados do *podium* do templo (**fig. 14**). O tanque em π tinha o braço a Norte, nas traseiras do templo, mais estreito que os outros dois, que axialmente acompanhavam o *podium* do templo. Com os seus 0,75 m de profundidade o tanque era num dos seus lados forrado com placas de mármore. bem como os degraus

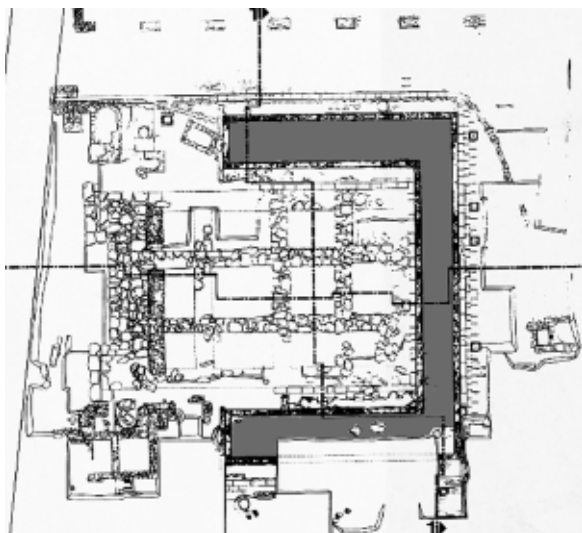


Fig. 14. *Capitolium* de Luni (in Frova, 1973).

laterais a Este e a Oeste do *capitolium*. Os dois braços longos terminavam em dois nichos dos quais brotavam os repuxos que abasteceram este tanque. Um pórtico em π emoldurava o templo, mas sem deixar um *temenos* em volta dele, aliás, este último é totalmente ocupado pelo tanque. O pórtico funcionou como uma colonata de enquadramento decorativo às bases de estátua dos magistrados. Entre esta e o tanque, ou seja, quase encostado ao tanque, foi construído um *euripes*. O tanque de Luna está datado de época augusto-tiberiana. Deve-se referir que no acesso ao *capitolium* existem dois templete gêmeos, com *cella* quadrada, *pronaos in antis*, e escadaria de acesso, que na opinião de António Frova poderão ter sido dedicados a Roma e Augusto⁷⁶.

Quando se referem fontes/ninfeus na área de um *forum* é frequente citar o exemplo da cidade do Lazio, **Minturnae**. O *forum* desta cidade está localizado em função da *Via Appia*, eixo ao longo do qual se desenvolve a cidade. Parcialmente esca-

vado, apresenta duas fases bem definidas. Uma primeira, republicana, em que a Norte da *Via Appia* um pórtico duplo, ligeiramente trapezoidal, envolvia um templo. Este foi interpretado desde os anos 30 como *capitolium*, mas mais recentemente revisto e identificado com um templo a Júpiter⁷⁷. A sua construção não se encontra alinhada com o eixo central do pórtico, mas sim, ligeiramente para ocidente. A Sul da *Via Appia*, estende-se uma ampla praça, porticada e bordejada por inúmeros edifícios públicos, entre os quais uma possível basílica, uma *schola* e outros edifícios de difícil interpretação⁷⁸. Numa segunda fase, já em época de Augusto, é construído um segundo templo⁷⁹, ao lado do antigo *Tempio Tuscanino* (a Júpiter), como sede do culto à *Victoria Augusta* (fig. 15). É neste período que são erigidas duas fontes, situadas no topo dos braços do pórtico duplo, viradas para a *Via Appia*⁸⁰. Ambas são construídas com pavimentos em *opus spicatum*. Só mais tarde, durante o séc. II d.C., a fonte oriental assumirá uma forma absidal e será revestida com placas de mármore. Talvez nesse mesmo momento esta fonte foi decorada com um sileno com uma ânfora, da qual brotaria a água. Não menos importante foi a construção do teatro, nas traseiras do recinto de pórtico duplo no interior do qual se localizavam os dois templos. Não há certeza quanto à data de construção do teatro, mas provavelmente corresponde ao mesmo programa de monumentalização da área pública da cidade.

Do outro lado do Mediterrâneo o templo de Saturno em **Volubilis**, é de grande importância para entender a substituição dos cultos pré-romanos. Neste templo, sem *cella*, foram recuperadas mais de seiscentas estelas votivas. Nos dois laterais do altar central, duas construções subterrâneas foram interpretadas como possíveis cisternas, toda-

⁷⁶ Frova, 1973: p. 638-646.

⁷⁷ Na bibliografia será denominado como Templo Tuscanino (Coarelli, 1989: p. 51). O templo de Júpiter será identificado com aquele que em 207 e 191 a.C. foi atingido por um raio, como testemunhou Livio. Junto a este templo foi encontrado um *bidental*, poço no qual se lançaram os restos do templo antigo. Maria Paola Guidobaldi (Coarelli, 1989) sugere que a deposição de material de construção no interior do poço obedeceu a uma escolha intencional de todos os elementos arquitectónicos destruí-

dos por raios, o que justificaria a existência de fragmentos de distintas proveniências.

⁷⁸ A vaga descrição desta área do *forum* deve-se ao facto de parte dele não ter sido escavado, e a área escavada não foi publicada, condicionando as interpretações sobre este interessante e importante centro monumental.

⁷⁹ Na bibliografia é mencionado como Templo A.

⁸⁰ Coarelli, 1989: p. 62; Neuerburg, 1965: n.º 53 e 54; Johnson, 1935: p. 67 – 72.

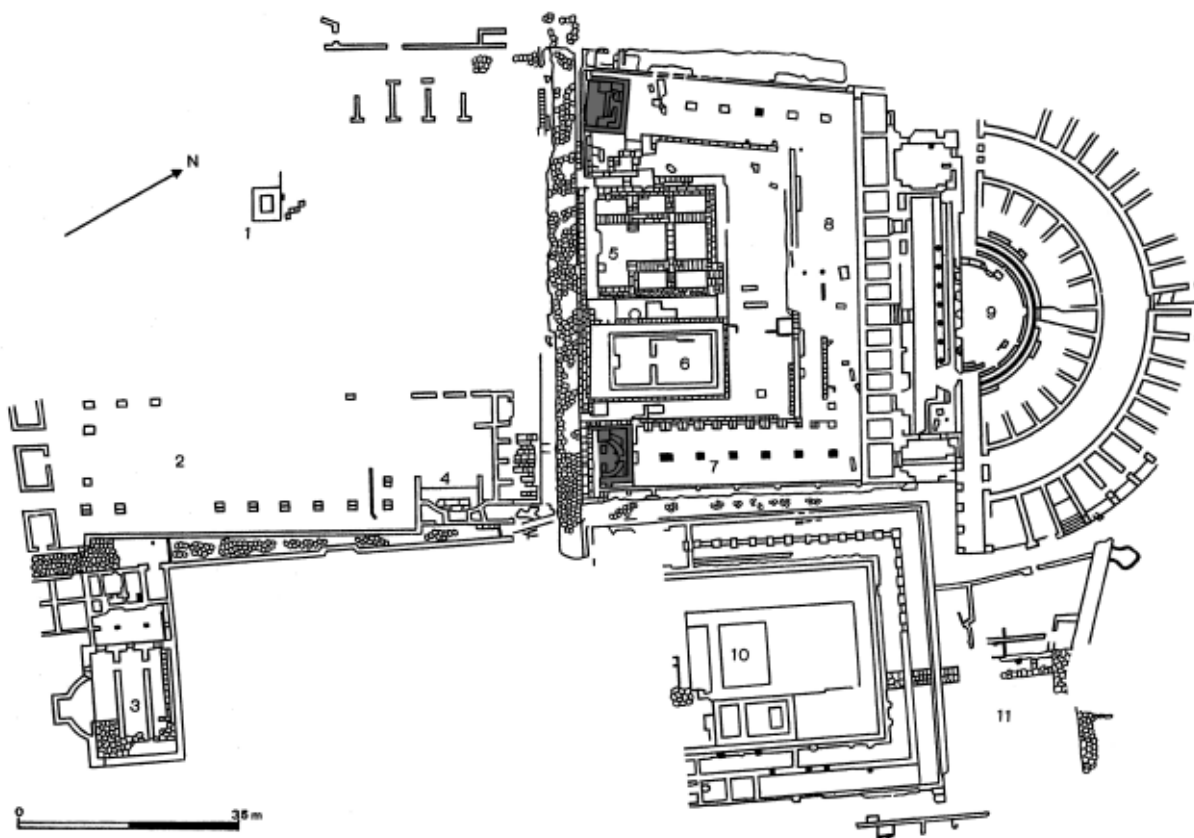


Fig. 15. *Forum de Minturnae* (in Coarelli, 1989)

via, não se conservou qualquer vestígio de revestimento que assegurasse a sua estanquidade, facto que levanta algumas dúvidas quanto à sua verdadeira funcionalidade. A par destas estruturas um tanque, encostado a uma das alas do pórtico, desempenhou certamente um importante papel no cerimonial que aqui se desenrolava. Todavia, este templo, por vezes mencionado como paralelo, não apresenta uma afinidade evidente com as estruturas hispânicas⁸¹.

As escavações do Templo a Cibele, em **Vienne**, no início dos anos 60, trouxeram à luz um conjunto de tanques, de diferentes cronologias situados no *temenos* deste templo próstilo, e no interior de algumas construções semi-subterrâneas (fig. 16). Um destes tanques tem planta em L, e está provavelmente associado a um segundo tanque, do qual se conservam os negativos de uma

cancela que o protegia no topo superior. Estes tanques são, na opinião do seu escavador André Pelletier, elementos relacionados com o culto a Cibele, mais concretamente, estavam na área sagrada onde o cultor da deusa se podia purificar antes da cerimónia e lavar-se após os sacrifícios⁸².

Na cidade portuária de **Ostia**, em Itália, regista-se um dos mais numerosos e interessantes conjuntos de fontes urbanas entre as quais encontramos exemplos situados no interior de espaços sagrados. Assim acontece com a pequena fonte, de pia rectangular, situada no interior do *Sacello delle Tre Nave*, directamente relacionada com o culto e o sacrifício de animais⁸³. Existem também referências a pequenas fontes no Templo de Attis e no Santuário da Boa Deusa. Importante na arquitectura ostiense é o ninfeu, com três absidiolos, situado na praça dos quatro templos, sem dúvida relacionado com os

⁸¹ Ponsich, 1976: p. 137.

⁸² Pelletier, 1966: p. 121.

⁸³ Ricciardi, 1996: 102, Becatti, 1954: p. 71.

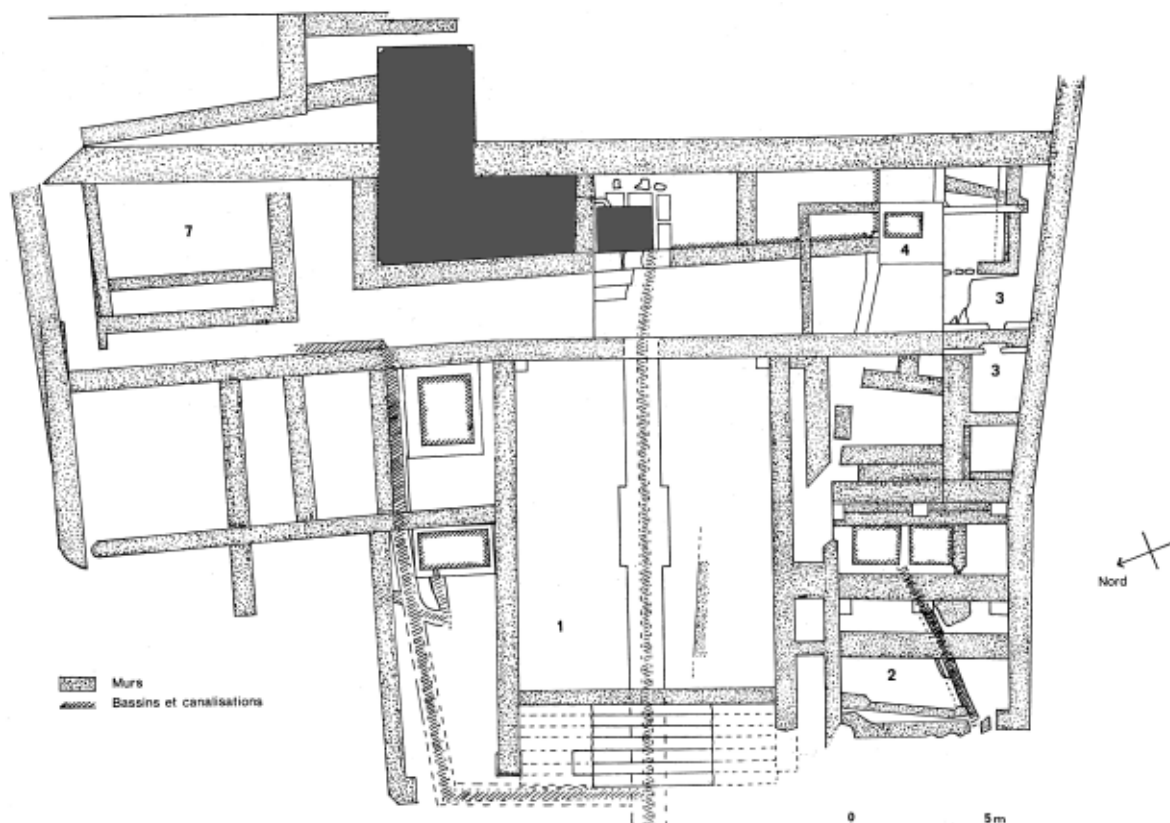


Fig. 16. Templo de Cibele, Vienne (in Pelletier, 1966).

rituais que aqui se desenvolviam, o que levou alguns investigadores a interpreta-lo como *lustratio*⁸⁴.

Outros exemplos de duas fontes podem ser encontradas no Templo de Vénus Genetrix, no *forum* de César em **Roma**, talvez associadas às ninfas Appiades⁸⁵.

Os exemplos reunidos demonstram que na Lusitânia se pode associar a construção de tanques e fontes nos *temenos*, aos templos dedicados ao culto imperial. O papel que desempenharam na liturgia oficial é-nos desconhecido, mas a sua localização apela para uma estreita relação com a liturgia e procissões realizadas em datas oficiais. Reflectindo na estrutura urbana que envolve estes templos, e descortinando programas construtivos mais vastos, surge a hipótese de estarmos perante corredores monumentalizados que unem os diversos edifícios públicos onde se poderia desenrolar

tudo o cerimonial relacionado com o culto. O exemplo de Évora poderá ser, se a existência de um teatro se vier a confirmar, mais uma vez paradigmático, pois significaria que este tipo de cerimonial também decorria em cidades menores. Um outro dado se distingue neste conjunto. A construção destas estruturas ocorre, *grosso modo*, entre o reinado de Augusto e Nero.

Excluimos desta análise o exemplo da Fonte do Arnês⁸⁶, profundamente examinado por José Cardim Ribeiro, por se tratar de um elemento externo à cidade, não deixando de ser curioso que o flâmine tenha construído uma fonte como fórmula de mecenato.

As escavações em curso nas cidades actualmente portuguesas (e a publicação dos seus resultados) trarão, certamente, novos dados e oportunidades para rever o que se escreveu.

⁸⁴ Ricciardi, 1996: p. 206.

⁸⁵ Amici, 1991: p. 36.

⁸⁶ Sobre a inscrição de Lúcio Júlio Melo Caudico (CIL, II, 260), consultar Ribeiro, 1982/83.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J., 2002/2003: “A splendidissima civitas de Bobadela (Lusitânia)”, *Anas*, 15/16, Mérida, p. 155 – 180.
- ALARCÃO, J., 2004: “Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – II”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.7.2, Lisboa, IPA, p. 193 – 216.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M., NOGALES BASARRATE, T., 2003: *Forum Coloniae Augustae Emeritae. “Templo de Diana”*, Assembleia de Extremadura, Mérida.
- AMICI, C. M., 1991: *Il foro de Cesare*, Universitat degli Studi di Roma La Sapienza, Firenze.
- AQUILUÉ, X., 2004: *Forum Emporiae MMIV. El fòrum Romà d’Empúries, 2004 anys d’història*, Ampurias.
- AQUILUÉ, X., MAR, R., NOLLA, J. M., RUÍZ DE ARBULO, J., SANMARTÍ, E., 1984: *El fòrum Romà d’Empúries. Monografies Emporitanes*, VI, Barcelona.
- ARGENTE OLIVER, J.L., DÍAZ DÍAZ, A., 1996: *Tiermes. Guía del yacimiento y museo*. Soria, Ed. Junta de Castilla y León.
- AUPERT, P., 1974: *Le nymphée de Tipasa et les nymphées et “septizonia” Nord-Africans*, École Française de Rome, Roma.
- BECATTI, G., 1954: *Scavi di Ostia 2. I mitrei ostiensis*, Libreria dello Stato, Roma.
- BURÉS VILASECA, L., 1998: *Les estructures hidràuliques a la ciutat antiga: l’exemple d’Empuries. Monografies Emporitanes*, 10, Ed. Museu d’Arqueologia de Catalunya, Barcelona.
- CALVO, I., 1916: *Excavaciones en Clunia*, MJSEA., 3, Madrid.
- CANCELA RAMÍREZ DE ARELLANO, M. L., 1980: “Fontana en el Foro de Bilibis (Calatayud)”, *Caesaraugusta*, 51 – 52, Zaragoza, p. 121 – 125.
- COARELLI, F., 1989: *Minturnae*, NER, Roma.
- CORREIA, V. HIPÓLITO, 1987/88: “As termas romanas de Évora. Notícia da sua identificação”, *Hvmanitas*, 39/40, p. 313 – 317.
- CORREIA, V. HIPÓLITO, 1992: “O anfiteatro romano de Évora. Notícia da sua identificação.”, *El anfiteatro en la Hispania romana. Coloquio Internacional*, Mérida, p. 345-348.
- CORREIA, V. HIPÓLITO, 2004: “Coexistência e Revolução: Urbanismo e arquitectura em Conimbriga (Séc. I a.C. – III d.C.)”, *O passado em cena: narrativas e fragmentos*, Coimbra, p. 261-298.
- CRISTOVÃO, J., 2005: “Breve estudo sobre a organização do espaço público e os equipamentos urbanos da cidade romana de Idanha-a-Velha (dos finais do séc. I aC ao limiar do século IV)”, *Lusitanos e Romanos no Noroeste da Lusitânia. Actas das 2ª Jornadas de Património da Beira Interior*, Guarda, p. 189-204.
- DELAINE, J., 1996: “De aquis suis?: The commentarius of Frontinus”, *Les Littératures Techniques*, p. 117 - 145.
- DEL CHICCA, F., 1997: “Terminologia delle fontane pubbliche a Roma. Lacus, salientes, muner.”, *Rivista di Cultura Clássica e Mediovale*, 39, p. 231 – 253.
- DEL CHICCA, F. (trad.), 2004: Sextus Iulius Frontinus, *De Aquae Ductu Urbis Romae*, Heder, Roma.
- D’ENCARNAÇÃO, J., 2006: “O mar na epigrafia da Lusitânia Romana”, *Mar Greco-Latino. Actas do Congresso Internacional*, Coimbra, IUC, p. 271- 290.
- DELGADO DELGADO, J., 1999: “Flamines provinciae Lusitaniae”, *Gerión*, 17, p. 433 – 464.
- DIEZ VELASCO, F., 1998: *Termalismo y religión. La sacralización del agua termal en la Península Ibérica y el Norte de África en el Mundo Antiguo*, ‘Ilus. Monografias, 1, Madrid.
- DIEZ VELASCO, F., 2002: “O balneário de Baños de Montemayor. Inscrições votivas”, *Loquuntur Saxa. Religiões da Lusitânia*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 141 – 144.
- ETIENNE, R., 1958: *Le culte impérial dans la Péninsule Ibérique d’Auguste a Dioclétien*, De Boccard, Paris.
- ETIENNE, R., 2004: “Conimbriga et le culte impérial”, *Perspectivas sobre Conimbriga, Museu Monográfico de Conimbriga*, p. 35 – 46.

- ETIENNE, R., ALARCÃO, J., 1977: *Fouilles de Conimbriga I. L'architecture*. E. de Boccard, Paris.
- ETIENNE, R., ALARCÃO, J., 1986: "Archéologie et idéologie impériale à Conimbriga (Portugal)", *Comptes Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, Paris, p. 120 – 132.
- FERNANDES, L. DA SILVA, 2002: "As águas e o factor religioso na província romana da Lusitânia", *Loquuntur Saxa. Religiões da Lusitânia*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 131 – 140.
- FISHWICK, D., 1991: *The Imperial cult in the Latin West. Studies in the ruler cult of the Western Provinces of the Roman Empire*, vol. II.1, Brill, Boston.
- FISHWICK, D., 2002: *The Imperial cult in the Latin West. Studies in the ruler cult of the Western Provinces of the Roman Empire*.
- FISHWICK, D., 2004: *The Imperial cult in the Latin West. Studies in the ruler cult of the Western Provinces of the Roman Empire*, vol. III.3, Brill, Boston.
- FISHWICK, D., 2005: *The Imperial cult in the Latin West. Studies in the ruler cult of the Western Provinces of the Roman Empire*, vol. III.4, Brill, Boston.
- FLORIANO CUMBREÑO, A., 1944: "Excavaciones en la antigua Cappara (Cáparra, Cáceres)", *Archivo Espanhol de Arqueologia*, 17, p. 270-286.
- FROVA, A., 1973: *Scavi di Luni. Relazione preliminare delle campagne di scavo*, L'Erma di Bretschneider, Roma.
- FUENTES DOMÍNGUEZ, A., 1987: "Avance del Foro de Valeria (Cuenca)", *Los foros romanos de las provincias occidentales*, Madrid, p. 69 – 72.
- FUENTES DOMÍNGUEZ, A., 1997: "Valeria. Historia del yacimiento y resultado de las últimas investigaciones.", *Ciudades romanas en la provincia de Cuenca. Homenaje a Francisco Suay Martínez*, Cuenca, p. 103 – 131.
- FUENTES DOMÍNGUEZ, A., 2003: "Intervenciones arqueológicas en el foro de Valeria (Campañas de 1997- 2002)", *Investigaciones Arqueológicas en Castilla-La Mancha, 1996 – 2002*, Salamanca, p. 229 – 244.
- FUENTES DOMÍNGUEZ, A., ESCOBAR, R., GARCÍA, J., 2007: "Precisiones cronológicas sobre el origen del foro de Valeria (Resumen de los trabajos llevados a cabo durante las campañas del 2003-2005)", *I Jornadas de Arqueología de Castilla-La-Mancha*. Cuenca, Cuenca, p. 445-468.
- GARCÍA-DILS DE LA VEGA, ORDÓÑEZ AGULLA, S., 2007a: "Nuevos datos para el estudio del culto imperial en la Colonia Augusta Firma Astigi", *Culto imperial: política y poder*, Roma, p. 275 – 298.
- GARCÍA-DILS DE LA VEGA, ORDÓÑEZ AGULLA, S., RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, O., 2007b: "Nuevo templo augusteo en la Colonia Augusta Firma Astigi (Ecija, Sevilla)", *Romula*, 6, p. 75 – 114.
- GINOUVÉS, R., 1969: *Laodicée du Lykos, le Nymphee*, Paris, 1969.
- GONZÁLEZ TASCÓN, I., (dir.), 2002: *Artifex. Ingeniería romana en España*.
- GROS, P., 1990: "Théâtre et culte impérial en Gaule Narbonnaise et dans la Péninsule Ibérique", *Stadtbild und ideologie*, Madrid, p. 381 – 390.
- GROS, P., 1996: *L'architecture romaine: du début du IIIe siècle av. J.-C., à la fin du Haut-Empire*, Picard, Paris.
- HAUSCHILD, T., 1991: "El templo romano de Évora", *Templos romanos de Hispânia. Cuadernos de Arquitectura Romana*, vol. 1, p. 107 – 117.
- HAUSCHILD, T., 1994a: "El templo romano de Évora, nuevas investigaciones.", *Actas XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica. La ciudad en el mundo romano. Septiembre de 1993*, 1994a, vol. 2, Tarragona, p. 97-200.
- HAUSCHILD, T., 1994b: "Évora. Vorbericht über die Ausgrabungen am römischen Tempel 1989-1992. Die Konstruktionen.", *Madridrer Mitteilungen*, 35, Madrid, p. 314-335.
- HAUSCHILD, T., 1995/1997: "Um capitel jónico romano descoberto no subsolo do Museu de

- Évora”; *O Arqueólogo Português*; vol. 13/15, p. 415 – 428.
- HAUSCHILD, T., 2001: “Évora. Relatório preliminar sobre as escavações junto ao templo romano, 1989-1992. As construções”, *Arqueologia, História da Arte e Património*, 1, p. 69 – 91.
- HAUSCHILD, T., 2005: “O templo de Évora”, *Imagens e Mensagens. Escultura romana do Museu de Évora*, IPM, Évora.
- HAUSCHILD, T., SARANTOPOULOS, P., 1995/1997: “O tanque de água do templo romano de Évora. Notícia preliminar da intervenção arqueológica de 1996”, *O Arqueólogo Português*, vol. 13/15, p. 429 – 440.
- JOHNSON, J., 1935: *Excavations at Minturnae. Monuments of the Republican Forum*, vol. I, Philadelphia.
- LETZNER, W., 1990: *Römische Brunnen und Nymphaea in der westlichen reichshälfte*, Lit Ed., Munster.
- MARTÍN-BUENO, M., 1975a: *Bilbilis. Estudio histórico-arqueológico*, Zaragoza.
- MARTÍN-BUENO, M., 1975b: “El abastecimiento y distribución de aguas al Municipium Augusta Bilbilis”, *História Antiqua*, V, Valladolid, p. 205 – 222.
- MARTÍN-BUENO, M., 1987: “El foro de Bilbilis (Calatayud, Zaragoza)”, *Los foros romanos de las provincias occidentales*, Ed. Ministerio de Cultura, Madrid, p. 99 – 111.
- MANTAS, V., 1988: “Orarivm donavit Igaiditanis: epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana”, *Actas del 1º Congreso Peninsular de Historia Antigua (Santiago de Compostela, 1986)*, 2, Santiago de Compostela, p. 415-439.
- MANTAS, V., 1998a: “Navegação, economia e relações interprovinciais. Lusitânia e Bética”, *Humanitas*, 50, Coimbra, p. 199- 239.
- MANTAS, V., 1998b: “O espaço urbano nas cidades do Norte da Lusitânia”, *Los orígenes de la ciudad en el Noroeste Hispánico*, 1, Lugo, p. 355 – 391.
- MANTAS, V., 2002: “C. Cantius Modestinus e seus templos”, *Loquntur Saxã. Religiões da Lusitânia*, Lisboa, IPM, p. 233.
- MARTÍNEZ CABALLERO, S., 2007: “El agua en Tiermes”, *El agua y las ciudades romanas*, Ediciones 2007, Madrid.
- MATEOS CRUZ, P., AYERBE VÉLEZ, R., BARRIENTOS VERA, T., FEIJOO MARTÍNEZ, S., 2002: “La gestión del agua en Augusta Emerita”, *Empúries*, 53, p. 67 – 88.
- MOREIRA, J.L., 2002: *A cidade romana de Eburobrittium. Óbidos*, Mimesis, 2002.
- MOSQUERA MÜLLER, J.L., NOGALES BASARRATE, T., 2000: *Aquae Aeternae. Una ciudad sobre el río*, Mérida.
- NEUERBURG, N., 1965: *L’architettura delle fontane e dei ninfei nell’Italia antica*, Gaetano Macchiaroli Editore, Nápoles.
- NOGALES BASARRATE, T., 2002: “Aquae emeritensis: monumentos e imágenes del mundo acuático en Augusta Emerita”, *Empúries*, 53, p. 89 – 111.
- PALOL, P. DE, GUITART, J., 2000: *Clunia VIII.1. Los grandes conjuntos públicos. El foro colonial de clunia*. Ed. Diputación de Burgos, Salamanca.
- PELLETIER, A., 1966: Les fouilles du Temple de Cybele a Vienne (Isère)”, *Revue Archéologique*, Fasc. 1, p. 113 – 150.
- PELLETIER, A., 1987: “Le forum de Belo. Découvertes recentes”, *Los foros romanos de las provincias occidentales*, Ed. Ministerio de Cultura, Madrid, p. 165 – 172.
- POCIÑA LÓPEZ, C., REMOLÀ VALLVERDÚ, J., 2000: “La plaza de representación de Tárraco: intervenciones arqueológicas en la Plaza del Fórum y la calle d’En Compte”, *Tàrraco 99. Arqueologia d’una capital provincial romanal*, Tarragona, p. 27 – 45.
- PONSICH, M., 1974: “La fontaine publique de Belo”, *Mélanges de la Casa Velazquez*, 10, 1974, p. 21-39.
- PONSICH, M., 1976: “Le temple dit de Saturne a Volubilis”, *Bulletin d’Archeologie Marocaine*, X, p. 131 – 144.

- REIS, M.P., 2004: *Las termas y balnea romanos de Lusitania*, Studia Lusitana, 1, Ministerio de Cultura, Madrid, 2004.
- RIBEIRO, J.C., 1982/1983: “Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. Iulius Maelo Caudicus”, *Sintria*, I-II, Tomo 1, GEAAE, p. 151 – 476.
- RIBEIRO CARDIM, J., 1983: «Contributos para o conhecimento de cultos e devoções de cariz aquático relativos ao território do Município Olisiponense», Sep. de *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, III série, nº 89, 1º tomo.
- RIBEIRO CARDIM, J., 2000: (coord) *Loquuntur Saxa. Religiões da Lusitânia*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002.
- RICCIARDI, M.A., SCRINARI, V., 1996: *La civiltà dell'acqua in Ostia Antica*, Fratelli Palombi Editori, Ostia.
- ROLDÁN GÓMEZ, L., BENDALA GALÁN, M., BLÁNQUEZ PÉREZ, J., MARTÍNEZ LILLO, S., 1998: *Carteia*, Madrid.
- ROLDÁN GÓMEZ, L., BENDALA GALÁN, M., BLÁNQUEZ PÉREZ, J., MARTÍNEZ LILLO, S., 2006: *Estudio histórico-arqueológico de la ciudad de Carteia (San Roque, Cádiz) 1994-1999*, Arqueología Monografías.
- SÁ, A. MARQUES DE, 2007: *Civitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*, Câmara Municipal de Idanha, Idanha.
- SETTIS, S., 1974: “Esedra e ninfeo nella terminologia architettonica del mondo romano. Dall'età repubblicana alla tarda antichità”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, I.4, Walter de Gruyter, Berlim, p. 661-745
- TEICHNER, F., 1994: “Évora. Vorbericht über die Ausgrabungen am römischen Tempel 1989-1992. Stratigraphische untersuchungen und aspekte der stadtgeschichte”, *Madrider Mitteilungen*, 35, Madrid, p. 336-358.
- TOMASELLO, F., 2005: *Fontane e ninfei minori di Leptis Magna*, L'Erma di Bretschneider, Roma.
- TRILLMICH, W., 1989/90: “Un santuario del culto imperial en el teatro de Mérida”, *Anas*, 2/3, p. 87 – 102.
- TRILLMICH, W., 2004: “Monumentalización del espacio público emeritense como reflejo de la evolución histórica colonial: el ejemplo del teatro emeritense y sus fases”, *Augusta Emerita. Territorios, espacios, imágenes y gentes en Lusitania romana*, Monografías Emeritenses, 8, Mérida, p. 277 – 284.

LISTADO DE AUTORES

Carla Alegria Ribeiro

Arqueóloga, IPM/MNMC
Portugal

José María Álvarez Martínez

Museo Nacional de Arte Romano
José Ramón Mélida s/n
06800 Mérida
España
E-mail: josemaria.alvarez@mcu.es

Rocio Ayerbe

Consorcio de la Ciudad Monumental,
Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida
Reyes Huertas, 5
06800 Mérida
España
E-mail: rocio@consorciomerida.org

Filomena Barata

Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e
Arqueológico (IGESPAR)
Palácio Nacional da Ajuda
1349-021 Lisboa
Portugal
E-mail: mbarata@igespar.pt

Teresa Barrientos

Consorcio de la Ciudad Monumental,
Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida
Reyes Huertas, 5
06800 Mérida
España
E-mail: teresa@consorciomerida.org

João Pedro Bernardes

Departamento de História, Arqueologia e
Património
Universidade do Algarve
Campus de Gambelas
8005-139 Faro
Portugal
E-mail: jbernar@ualg.pt

Pedro C. Carvalho

Instituto de Arqueologia da FLUC
Palácio de Sub-Ripas
3000 Coimbra
Portugal
00351 – 919514988
E-mail: pedrooak@gmail.com

Enrique Cerrillo Martín de Cáceres

Departamento de Historia
(Área de Arqueología)
Facultad de Filosofía y Letras
Universidad de Extremadura
Campus Universitario s.n.
10071 Cáceres
España
E-mail: cerrillo@unex.es

Ricardo Costeira da Silva

Arqueólogo, IPM/IMC/MNMC
R. Vale S. Miguel, lote 4, 2º eq.
3020-113 Coimbra
Portugal
E-mail: ricardo_silva78@hotmail.com

Dina Custódio Matias

Arqueóloga, IPM/MNMC
Portugal

José d'Encarnação

Centro de Estudos Arqueológicos das
Universidades de Coimbra e Porto
Rua Eça de Queirós, 89, Pampilheira, P-2750-662
Cascais
Portugal
E-mail: jde@fl.uc.pt

Carlos Fabião

Dpto. de Historia
Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa/ UNIARQ
Alameda da Universidade
1600-214 Lisboa
Portugal
E-mail: cfabiao@fl.ul.pt

Maria Helena Frade

Direcção Regional da Cultura do Centro
Rua Fernandes Tomás, nº 76
3000 - 167 Coimbra
Portugal
E-mail: mfrade@ippar.pt

Vasco Gil Mantas

Instituto de Arqueologia. Facultad de Letras
Universidad de Coimbra
Palacio de Sub-Ripas
3000-447 Coimbra
Portugal
E-mail: vgmantas@yahoo.com

Luís Jorge Gonçalves

Centro de Investigação e Estudo em Belas-Artes
e Faculdade de Belas-Artes da Universidade de
Lisboa
Largo da Academia Nacional de Belas-Artes
1249-058 Lisboa
Portugal
E-mail: luis.jg@fba.ul.pt

Amílcar Guerra

Dpto. de Historia
Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade
1600-214 Lisboa
Portugal
E-mail: amilcarguerra@fl.ul.pt

Theodor Hauschild

Antiguo Subdirector del Instituto Arqueológico
Aleman-DAI Madrid
Fax: (+351) 21 960 710 141

Virgílio Nuno Hipólito Correia

Museu Monográfico de Conimbriga
3150 – 120 Condeixa
Portugal
E-mail: mmconimbriga.director@ipmuseus.pt

João L. Inês Vaz

Universidade Católica e investigador do CEAUCP
Centro Regional das Beiras
Estrada da Circunvalação
3504-505 Viseu
Portugal
E-mail: jlivaz@gmail.com

Maria da Conceição Lopes

Universidade de Coimbra
Centro de estudos Arqueológicos das
Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP)
Palácio de Sub-Ripas
3000-395 Coimbra
Portugal
E-mail: conlopes@fl.uc.pt ceaucp@ci.uc.pt

Santiago López Moreda

Departamento de Ciencias de la Antigüedad
Facultad de Filosofía y Letras
Universidad de Extremadura
Avda. de la Universidad s/n
10071 Cáceres
España
E-mail: slopez@unex.es

Pedro Mateos

Instituto de Arqueología de Mérida
Plaza de España, 15
06800 Mérida
España
E-mail: p.mateos@iam.csic.es

Trinidad Nogales Basarrate

Museo Nacional de Arte Romano
Dpto.de Investigación
José Ramón Mélida s/n
06800 Mérida
España
E-mail: trinidad.nogales@mcu.es

Félix Palma

Consortio de la Ciudad Monumental, Histórico-
Artística y Arqueológica de Mérida
Reyes Huertas, 5
06800 Mérida
España
E-mail: felix@consorciomerida.org

Fernando Pereira dos Santos

Arqueólogo, EDIFER, Reabilitação, S.A.
Largo Álvaro Velho, 8
7000 Évora
Portugal
E-mail: fernandogsantos@gmail.com

Antonio Pizzo

Instituto de Arqueología de Mérida
Plaza de España, 15
06800 Mérida
España
E-mail: antoniopizzo@iam.csic.es

Ana Paula Ramos Almeida

Arqueóloga, IPM/MNMC
Portugal

Pilar Reis

Centro de Estudos Arqueológicos das
Universidades de Coimbra e Porto (CEAUPE)
Palácio de Sub-Ripas
3000-395 Coimbra
Portugal
E-mail: pilar.reis@gmail.com

Nicole Röring

Deutsches Archäologisches Institut Abt. Madrid
Calle Serrano 159
28002 Madrid
España
E-mail: nicoleroering@memvier.de

Maria de La Salette da Ponte

Instituto Politécnico de Tomar
Quinta do Contador - Estrada da Serra
2300-313 Tomar
Portugal
e-mail: saleteponte@ipt.pt

Panagiotis Sarantopoulos

Centro de Investigação e Estudo em Belas-Artes
e Câmara Municipal de Évora
Rua da Carta Velha
7000 Évora
Portugal
E-mail: *ta.saran@gmail.com*

Thomas G. Schattner

Deutsches Archäologisches Institut Abt. Madrid
Calle Serrano 159
28002 Madrid
España
E-mail: schattner@madrid.dainst.org

Walter Trillmich

Antiguo Director del Instituto Arqueológico Alemán
DAI Berlín
E-mail: wtrillmich@gmx.de



STVDIA
LV SITANA



GOBIERNO
DE ESPAÑA

MINISTERIO
DE CULTURA



JUNTA DE EXTREMADURA
Vicepresidencia Segunda, Consejería de Economía,
Comercio e Innovación
Dirección General de Universidad y Tecnología